

30 CONCURSO
LITERÁRIO DA

Anamatra



3º Concurso Literário da Anamatra

COMISSÃO JULGADORA

Min. Alberto Bresciani de Fontan Pereira

Ministro aposentado do Tribunal Superior do Trabalho (TST)

Desa. Maria Francisca dos Santos Lacerda

Desembargadora do Trabalho aposentada da 17ª Região

Des. Gustavo Tadeu Alkmim

Desembargador do Trabalho do Tribunal Regional da 1ª Região

Diretoria ANAMATRA - BIÊNIO 2023/2025

Presidente:

Luciana Paula Conforti (Amatra 6/PE)

Vice-Presidente:

Juiz Valter Souza Pugliesi (Amatra 19/AL)

Secretaria-Geral:

Juiz Ronaldo da Silva Callado (Amatra 1/RJ)

Diretoria Administrativa:

Juíza Flávia Moreira Guimarães Pessoa (Amatra 20/SE)

Diretoria Financeira:

Juiz Marcus Menezes Barberino Mendes (Amatra 15/Campinas e Região)

Diretoria de Comunicação Social:

Juiz Guilherme Guimarães Ludwig (Amatra 5/BA)

Diretoria de Prerrogativas e Assuntos Jurídicos:

Juíza Dayna Lannes Andrade (Amatra 23/MT)

Diretoria de Assuntos Legislativos:

Juiz Marco Aurélio Marsiglia Treviso (Amatra 3/MG)

Diretoria de Formação e Cultura:

Juiz André Eduardo Dorster Araújo (Amatra 2/SP)

Diretoria de Eventos e Convênios:

Juiz Rossifran Trindade Souza (Amatra 10/DF e TO)

Diretoria de Informática:

Juiz Felipe Augusto de Magalhães Calvet (Amatra 9/PR)

Diretoria de Aposentados:

Juíza Solange Barbuscia de Cerqueira Godoy (Amatra 10/DF e TO)

Diretoria de Cidadania e Direitos Humanos:

Juíza Patrícia Pereira de Sant´Anna (Amatra 12/SC)

Conselho Fiscal:

Juiz Márcio Lima do Amaral (Amatra 4/RS)

Juíza Daiana Gomes Almeida (Amatra 7/CE)

Juíza Amanaci Giannaccini (Amatra 8/PA e AP)

Juiz Carlos Eduardo Evangelista Batista (Amatra 16/MA) - Suplente

Apresentação

Caro (a) Associado (a)

É com imensa satisfação que apresentamos a obra composta pelos trabalhos vencedores do 3º Concurso Literário da ANAMATRA.

Nesta 3ª edição a adesão superou nossas expectativas, evidenciando como direito e literatura possuem, na sua intersecção, uma força poderosa.

A comissão julgadora foi escolhida com muito cuidado e zelo para essa nossa pioneira iniciativa e contou com o Ministro do Tribunal Superior do Trabalho Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira, com a Desembargadora do Trabalho do Tribunal Regional do Trabalho da 17ª Região Maria Francisca dos Santos Lacerda, e com o Desembargador do Trabalho do Tribunal Regional da 1ª Região Gustavo Tadeu Alkmin.

Não temos palavras para agradecer aos nossos jurados e jurada, não só pela indiscutível credibilidade que imprimiram ao Concurso, como também, pela análise criteriosa dos trabalhos, contribuindo de maneira decisiva para o sucesso da obra. Sabemos o quão difícil é escolher vencedores, sobretudo quando se está diante de manifestações artísticas. Mas, é indiscutível que o trabalho empreendido pela comissão julgadora fortalece a literatura brasileira e o associativismo.

A obra é ímpar, já que revela a perspectiva de mundo daqueles que constroem o Direito do Trabalho, daqueles que se ocupam em lidar com conflitos sociais e desigualdades que marcam a realidade brasileira.

Ao longo das próximas páginas o leitor poderá mergulhar nas incontáveis manifestações da alma humana, com suas alegrias, agruras e reflexões.

Uma excelente leitura!

Dra Luciana Conforti

Presidente

André Dorster

Diretor de Formação e Cultura

Sumário



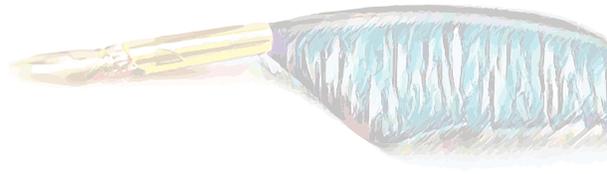
Contos

Afazeres domésticos	10
Vanilson Rodrigues Fernandes	
Almoço de domingo	17
Simone Galan de Figueiredo	
A "moeda do sofrimento"	21
Robson Tavares Dutra	
A sina de Uberajara Rango	24
Arnaldo José Duarte do Amaral	
A sucessão	28
Mário Lúcio Batgniani	
CTPS	35
Paulo Roberto Dornelles Junior	
Depois eu conto	39
José Eduardo de Resende Chaves Júnior	
Ela	42
Priscila Cunha Lima	
Empório de Sentimentos Perdidos	48
Jairo Vianna Ramos	
Gosto de Limão	53
Giselle Bondim Lopes Ribeiro	
Negócio com Deus	56
Roberto José Ferreira de Almada	
Voto de silêncio	62
Ione Salin Gonçalves	



Crônicas

O siri	65
Fábio André de Farias	
O velho conhecido	67
Roberto José Ferreira de Almada	
Senzala 4.0	70
Maria Cristina Santos Perez	



Poesias

Íris: três cenas, 1 miragem	73
José Eduardo de Resende Chaves Júnior	
Gotas de Felicidade	76
Carmen Lucia Lapenda Pessoa de Albuquerque	
Metatrabalho	78
Roberto Basilone Leite	
O traje.....	85
Rosana Maria de Barros Caldas	
Selfie	87
Antonio Umberto de Souza Júnior	
Silêncio:	91
Maria Cristina Santos Perez	
Temores	92
Ataíde Assis Ataíde	
Verde.....	93
Vanilson Rodrigues Fernandes	



Pontos



Afazeres domésticos

Vanilson Rodrigues Fernandes*

Eu sabia que a Vera estava muito estranha. Até pensei que fosse por causa desse filho que ela tinha na barriga. Tava demais pensativa. A cara sempre amarrada agora dava lugar a uma interrogação. Depois de algum tempo, cortando o bife pro almoço e preparando o feijão, ela me pareceu muito decidida. Mas tinha um quê de maldade em tamanha resolução, pressenti das vezes que iluminava seu rosto. Não entendo muito disso, mas que tinha algo de ruim ali naqueles pensamentos, ah, isso tinha. Nem parecia mais aquela menina alegre e satisfeita que era quando chegou. Eu sei que ela comeu o pão que o diabo amassou. Paciência, pra viver, a gente tem que aguentar muita coisa mesmo. Tudo bem que eu não tenho esses sentimentos humanos, mas sei lá, é o que eu acho.

Lembro que quando minha luz iluminou a cara dela pela primeira vez, vi aquele frescor de menina que chega do interior deslumbrada com a cidade. E ela tava muito feliz. O coração leve, não se via mancha alguma em seu peito, nenhum rancor nadinha mesmo. Um coração limpo, radiante, puro, coisa de inocência. A Dona Roberta colocou ela no quartinho lá dos

* Juiz do Trabalho da 8ª Região.

Texto foi Vencedor, na categoria Conto, do 3º Concurso Literário da Anamatra.

fundos. A Vera ficou muito feliz por ter um lugarzinho só seu. Mas a Dona Roberta disse-lhe o que ela ouviria sempre dali em diante: tens que cuidar dos teus afazeres domésticos. Essa é a tua prioridade nessa casa, os afazeres domésticos. Era o mantra da Dona Roberta para a Vera.

No começo a menina cuidava mesmo, trabalhava sem reclamar. E era a última a dormir e a primeira a levantar. Fazia o café da manhã. Lavava a roupa. Depois começava a preparar o almoço. Não a via descansar, isso é verdade. Tinha que ainda cuidar do lanche da tarde pros meninos e em seguida fazer o jantar. No fim, não podia deixar uma louça suja pra não juntar insetos e baratas na cozinha. Trabalhava igual uma condenada, na verdade acho que ela era mesmo uma condenada. O pior era que a Dona Roberta sempre estava rondando a menina, com aqueles olhos perscrutadores, corrigindo aqui e ali; mas não era só a vigilância, tinham as sevícias: dava-lhe beliscões, tapas, palmadas e croques sempre que algo não estava do seu agrado. A Vera segurava e engolia o choro. A Dona Roberta, depois de lhe infringir os castigos físicos, repetia: aprende a cuidar dos teus afazeres domésticos.

Ela vivia essa rotina de trabalho e punições, durou anos. Creio que a menina suportou bem, mas a mulher começou a falar mais alto dentro dela. O coro diário embrutece qualquer um. Quando a Vera já estava mais grandinha, aqui e acolá, havia um bocejo de sono pelo madrugalar, um torcer de lábios, um olhar de soslaio inconformado, um resmungo pra dentro de si contra aquilo tudo. Depois essas pequenas manifestações de insatisfação recrudesceram. A pressão sempre procura um escape. Foi então que apareceram as primeiras queixas verbais e por fim vieram as reivindicações. Parece que o tempo e a intimidade permitem que as coisas explodam dentro das pessoas. Não tarda a falhar. Eu vi isso antes da de Vera, mas ela foi a que ficou mais tempo sem reclamar, justiça seja feita. Bom, acho que a vida é assim mesmo. Mas sempre que tinha reclamação, Dona Roberta frisava: pare

de reclamar, vá cuidar de seus afazeres domésticos. Creio que essa frase incomodava Vera mais que tudo. Era como cuspir-lhe na cara. Eu percebi que ela mudava de feição quando ouvia esses termos: afazeres domésticos.

Também pudera, eu acho que a Dona Roberta falava isso para marcar posição, colocar Vera no seu devido lugar, no lugar de serviçal, de gente inferior, de pobre-diabo que não tem onde cair morto. De gente que todos os sentidos são para o trabalho e para servir bovinamente aos outros. Era muito cortante. A pronúncia dessas palavras tinha esse tom, essa coisa do mando, de alguém que se acha superior, era perceptível. Posso até estar exagerando, mas era assim que eu sentia aquelas palavras da Dona Roberta pra Vera.

O tempo vai postergando o conflito até que a pústula estoura na pele. A primeira quizila braba de verdade foi por causa do ventilador no quarto. Eu nunca vi, nem sei como é o lugar. Ouvi uma vez a Vera dizer que era pequeno e quente demais, queria um ventilador, pelo menos. Ser humano se incomoda com o pouco que tem e sempre quer mais. E enquanto o ventilador não veio, a cara enraivecida da Vera não desmanchou. A má vontade no fazer atrasava a vida de todos na casa. Safanões, cascudos e cocorotes já não resolviam a questão. Dona Roberta teve que ceder. Soube que ela arrumou um ventilador de segunda, desses usados, mas arrumou. Um aparelho velho que fazia mais barulho que vento. Dona Roberta repetiu sua ladainha quando entregou o ventilador pra Vera: agora vai cuidar de teus afazeres domésticos. Queria que Vera soubesse quem realmente mandava, apesar de ter assentido com aquela pequena reivindicação.

O tempo passou e, como eu disse, o ser humano quer sempre mais. Depois a Vera começou a reclamar do serviço, que era muito para uma só pessoa, que não tinha tempo pra nada, que não parava o dia todo, só trabalhando. Era cozinhar, lavar, passar, arrumar a casa, cuidar dos meninos, espanar o diabo... Se não arrumasse outra pessoa para ajudá-la, queria pelo menos

um dia de descanso, uma folga aos domingos pra se recuperar. A briga foi feia. Dona Roberta disse que nunca contrataria outra pessoa, já tendo uma serviçal em casa. E pra que folga se não teria para onde ir, ou o que fazer. Vera continuou emburrada e usou o mesmo estratagema quando obteve o velho ventilador, por fim, a Dona Roberta acabou fazendo mais uma concessão: permitiu a saída de Vera aos domingos à tarde, depois que preparasse o almoço, lavasse toda a louça e arrumasse a cozinha. O sorriso de Vera voltou-lhe ao rosto. Mais um tempo de bom armistício e Dona Roberta tornou com seu mantra, sua litania quando concordou com a folga: agora vai cuidar de teus afazeres domésticos.

O ser humano se acostuma com o conforto e o céu é o limite. Veio então a história da comida. Quando a Vera pediu para comer do mesmo que todos na casa, o pau quebrou. Dona Roberta disse que não admitiria isso. Que tinha feito muitas concessões e já bastava. Dava casa, comida, roupa, conforto e nada satisfazia Vera. Meu Deus! Em que mundo estamos, suplicou Dona Roberta e mandou um piparote na menina. A cabeça devia ter criado calo, porque Vera nem sentia mais aqueles croques. Dona Roberta bufava, espumando raiva pelas ventas. Deu um ventilador, usado, mas deu. Deu folga aos domingos à tarde. Tens que comer o que tem e acabou. Do contrário, ficas com fome. Não quero mais saber dessa conversa e vá cuidar de seus afazeres domésticos, repetiu Dona Roberta, querendo encerrar a discussão.

Então podia pelo menos melhorar a comida que eu como, disse Vera. A carne moída é só sebo, o frango só vem asa, perna e pescoço. O arroz é só fragmento e o macarrão é aquele quebradiço, suspirou fundo antes de continuar. O feijão, só me dão o resto. O café é o da pior qualidade, até pata de inseto eu já encontrei nele. Eu só como pão dormido, bolorento e que ninguém mais nessa casa quer. Eu só fico só com as sobras, Nem o fígado de boi que eu gosto tanto a senhora compra pra mim. Eu tenho que implorar e só me ficam os restos. Esse dia foi muito tenso, me lembro.

Essa, porém, a Vera não conseguiu levar. A comida continuou a mesma. Dona Roberta só prometeu que compraria o fígado uma vez a cada quinze dias e repetiu seu mantra encerrando a discussão: Vá cuidar de seus afazeres domésticos.

Depois dessa época, comecei a perceber umas manchas no coração de Vera. Quando minha luz iluminava-lhe o corpo, conseguia ver cada dia mais essas manchas crescerem. O sorriso não se encontrava mais no rosto daquela menina que agora estava virando mulher, deu lugar a um mau humor permanente. O serviço que vinha capenga, começou, propositadamente, a ser mal feito e os conflitos eram diários. A Dona Roberta dava-lhe safanões, gritava feito louca: não estás cuidando dos teus fazeres domésticos. Pudera, a Vera queimava o feijão, tostava o bife, empapava o arroz, engordurava a cozinha, não varria a casa da mesma forma, manchava as roupas e por aí vai. Parece que tudo era feito de má vontade. Os anos calejam qualquer um e os castigos embrutecem, isso é verdade.

Acho que foi nessa época que Vera arrumou um namoradinho nas folgas do domingo à tarde. Quando chegava, já de noite, a Dona Roberta ralhava demais e a tosquiava, chama-lhe palavrões variados, gritava e dava-lhe enormes berros. Veja se amanhã acordas cedo para cuidar de teus afazeres domésticos. Isso eu ouvia direto. Mas a Vera parecia feliz, mesmo com tudo isso. Acho que era por causa dos encontros que ela tinha nesses domingos. Mas essa felicidade não durou muito. O namoro acabou porque a vi a Vera chorando pelos cantos em um desses domingos de fim de tarde, ela nem sequer demorou na rua.

Só que quando o Seu Carlos soube que a Vera tava de namoradinho, começou a apalpá-la na cozinha. Vi várias vezes ele tentando se esfregar nela. Isso eu vi. Lembro quando ela tava cortando tempero e ele veio só de cueca bolinar ela por trás. A Vera o ameaçou com a faca. Ela nunca contou nada disso pra Dona Roberta. Acho que sabia que ela não ia acreditar e a vida dela podia piorar, virar um inferno pior do que já era.

Acho que quando o namoro de Vera acabou, aí que o Seu Carlos ficou mais insistente. Eu via ele atazanando a pobre, prometendo mundos e fundos. Percebi quando ele tava vislumbrando Vera tomar banho. Passou a apalpá-la toda hora, pegava-lhe na bunda, tocava-lhe os seios, apertava as coxas, essas coisas. Não sei se ela cedeu, acho que sim. Mas eu acho que foi mais para se vingar da Dona Roberta, pelas humilhações. Não tenho certeza, mas acho que esse filho que a Vera tem é dele, do Seu Carlos. Só acho. Eu vi ele passar algumas vezes lá pro quartinho. E ele parou de boliná-la aqui na cozinha. Vire e mexe, ele passava de noite pra lá.

Acho que nem era por causa disso que a Vera tava tão pensativa por esses dias. Quando ela me abriu, vi que seu coração tava uma mancha só, totalmente tomado, turvado inteiramente. Fiquei mais gelada do que sou. Quando ela adicionou aquelas pílulas no feijão, pensei que fosse um novo tempero; ela adorava experimentar iguarias novas pros meninos.

Diferente dos últimos tempos, ela chamou com alegria a família para almoçar. Dona Roberta, Seu Carlos e os dois meninos comeram e quase que imediatamente caíram desacordados. Ela despiu todos eles. Fiquei meio horrorizada com o que via. Jamais pensei que a Vera fosse capaz daquilo. Tudo bem que ela sofreu, mas fazer o que ela fez foi pura maldade.

Acho que ela já tinha planejado tudo; pegou o cutelo e começou a cortar com um sádico prazer cada um deles, foi os esquartejando um por um. Começou com os meninos, depois passou pro Seu Carlos e, por fim, Dona Roberta, a quem decepava as carnes com o maior júbilo. Vera seccionou as cabeças de todos eles. Cortou os membros, os dedos, tudo bem nas juntas. Fazia aquilo indiferente com os meninos e o Seu Carlos, mas com uma grande satisfação quando tratava da Dona Roberta, tanto que chegou a perfurá-la nos olhos. Não, não era um olhar sardônico, era de êxtase puro quando tratou de Dona Roberta. Tirou-lhes as vísceras com muito cuidado. Como ela era doída

por fígado, não resistiu e preparou essa iguaria com bastante cebola, misturando o de cada um deles numa fritadeira. Depois, sentou-se como madame da casa e comeu com regalo. Acabado o almoço, colocou o corpo despedaçado de cada um deles em uma refratária. Foi pro quartinho, arrumou suas coisas e voltou com a mala pronta.

Abriu-me totalmente. Nessa hora pude notar que seu coração não tinha mais mancha alguma, estava bem limpinho, alvo como quando chegou ainda menina. A cara risonha dava-lhe ares de uma nova pessoa. Colocou as refratárias com os corpos dos meninos na parte debaixo da prateleira. A cabeça de cada um, ela deixou em destaque sobre as partes cortadas. Pôs o Seu Carlos na prateleira do meio. Deu-lhe um beijo na boca. Por fim, colocou a Dona Roberta na parte de cima. Deu-lhe um tapa na cara e disse: agora, a senhora que cuide de seus afazeres domésticos. Bateu-me a porta com tamanha força que estremeci. Nunca mais se soube ou se ouviu falar de Vera. Os corpos foram encontrados cinco dias depois. Eu os conservei bem. Cumpri meus afazeres domésticos.

Almoço de domingo

Simone Galan de Figueiredo*

Primavera, domingo de sol, a família reunida para o almoço – pai, mãe e dois filhos. Na mesa, ao centro, um suculento filé ao molho madeira, arroz e batata frita. Cada qual diante de seu prato e talheres ao aguardo do momento em que a matriarca iniciaria o rito da comilança. Ela tirou a tampa de vidro da tigela da carne assada e iniciou um movimento para alcançar a faca. Titubeou. Entre o conjunto de talheres que repousava na mesa, enfim escolheu a faca grande com lâmina afiada e resistente para fatiar com perfeição o prato cobiçado. O gesto foi interrompido pelo zumbido irritante de uma mosca que ingressou pela janela em um voo rasante, circulou o rosto repleto de base da cerimoniosa senhora e pousou ao lado do prato de arroz. O filho menor estatelou os olhos e gritou:

– Paiêêê, uma mosca!!

O grito soou como um pedido de socorro de quem se encontra na iminência de ser devorado por um leão. O pai se sentiu instado a assumir a liderança, dada a importância da reação como lição de coragem aos seus filhos. Adiantou-se ao movimento da mulher, puxou a faca da mesa e, com a rapidez

* Juíza do Trabalho da 9ª Região.

que a situação, a seu ver, exigia, passou a tecer riscos no ar como se estivesse com uma espada duelando com o mais feroz inimigo. Esforçou-se, mas não conseguiu alcançar a rival. Vencido, reagiu em um gesto para o alto, cravando a faca na mesa de madeira. O utensílio permaneceu com o cabo balançando ao tempo que a mosca se afastava para algum lugar ainda não detectável.

Os filhos e a mãe esboçaram um sorriso orgulhoso diante da rápida reação do patriarca. Fora sempre assim: um homem de atitudes certas, pronto para defender sua família. O festejo, porém, não durou muito. Em um átimo, o som irritante do zumbido reapareceu, entre forte e fraco, espalhando-se pela sala. Os quatro pares de olhos acompanhavam o movimento do inseto.

A mosca pousou no porta-retrato em cima do armário em frente à mesa. A mãe levou a mão à boca semiaberta e arregalou os olhos diante da ousadia do inseto em profanar a foto do patriarca. No retrato, estava o pai alguns anos mais jovem, em pé, com o peito estufado em um uniforme azul-ferrete com insígnias de platina nas presilhas destacadas nos ombros. A imagem era adornada agora com um ponto preto alado, explorando os distintivos de prata no ombro direito do militar. Ficou ali, percorrendo a superfície de vidro sobreposta ao retrato, deslocando-se pela figura emoldurada. Ora pisoteava o bigode, ora movia-se pela cabeleira grisalha; pelo quadrado dos óculos que moldava os olhos do Brigadeiro.

Havia certa tensão também entre os filhos, pois sabiam que a foto era uma homenagem ao pai pelo Dia do Aviador, então Brigadeiro do ar. Por isso, era proibido colocar os dedinhos, mesmo que não estivessem engordurados de pipoca ou manchados de laranja-Cheetos. Nem era permitido jogar peteca nas proximidades. Ou, claro, usar a prateleira para esconder bolinhas de chicletes para comer no dia seguinte. Deveria o porta-retrato permanecer onde estava, tal qual um santo num altar. Sentiam-se, então, os filhos, naquele instante, impossibilitados de realizar qualquer movimento para exterminar o inseto.

Eram reféns. Precisavam permanecer imóveis. Aguardaram, estrategistas, como ensinara o pai. Até que, para alívio dos garotos, o ponto preto levantou voo novamente.

As asas finas e membranosas do inseto se expandiram, levando o corpo em círculos, para cima, para baixo, até uma terceira aterrissagem no pano de prato, repousado entre as batatas fritas e os talheres do filho menor. Os pares de olhos agora se voltaram para o menino. Entre eles, os olhos da mosca. Pressionado, o menino segurou desajeitado na ponta do pano e tentou arremessá-lo contra a mesa para esmagar o inseto. Sua mãozinha, de apenas seis anos, porém, não teve força e habilidade suficientes para a perfeita execução do plano. Em um efeito chicote, o tecido empurrou o prato da irmã, Clarice, sentada à sua frente. Cacos, barulho, silêncio e o zumbido da mosca. O olhar repreendedor do pai incessante sobre o menino. Palavras do oficial:

– Nós, os homens desta casa, devemos combater os inimigos com eficiência para proteger as nossas damas – disse-lhe, abrindo a boca o mínimo possível para sair o som e preservando os músculos do rosto congelados.

Hermes ficou vermelho e, envergonhado, abaixou os olhos. Um fracassado, por certo. Desejou ser hábil como a mosca, a qual, aliás, se refez em poucos instantes, recrudescendo o zumbido da vibração das asas, e se aproximando, se aproximando, se aproximando do filé. Corajosa, zombeteira, desafiante, pousou sobre a carne. Os olhos, todos, incrédulos e surpresos, saltavam do globo ocular como uma flecha mirada para o ponto preto que ameaçava a tão apetitosa e desejosa comida.

Era a vez de Clarice, a filha mais velha, enfrentar a batalha. Decidida, sacou o copo de Coca-Cola e, em um gesto abrupto, colocou-o sobre a mosca, prendendo-a na redoma de vidro. A rapidez e a força do seu ato deixaram suas longas tranças balançando. O refrigerante se misturou, em uma onda viscosa e

escura, com o molho madeira, e foi escorrendo pelas fendas da carne até se acumular no fundo do recipiente. Silêncio. Silêncio. Silêncio.

Dentro do copo, sobre a montanha de carne e caldo suculento, a mosca tocava no alimento e esfregava suas patinhas. Seus dois enormes olhos facetados, cravados na sua cabeça, também desproporcionalmente grande, pareciam enxergar ângulos invisíveis. E, assim, preparava a fuga antes mesmo de os caçadores saberem o que fazer. Uma estrategista nata.

Atento, o inseto divertia-se e se fartava com a mistura inusitada de sabores do almoço apetitoso de domingo, ladeado por quatro pares de olhos dispostos ao redor da mesa, derrotados e resignados a apreciar o comensal.

A “moeda do sofrimento”

Robson Tavares Dutra*

Álvaro Cainho e Pedro Lário, grandes amigos, se conheceram ainda adolescentes, nas peladas da Zona Norte do Recife.

Daí, fortaleceram a amizade nas mesas de bar. À época eram as alternativas dos jovens daquela Região, os que não tinham orientação para os estudos, ou qualquer aprendizado profissional: futebol e álcool. Como muito poucos são aproveitados no futebol, tais caminhos geraram uma legião de alcoólatras, e alguns peladeiros “sofríveis”.

Álvaro era um indivíduo corpulento, de média estatura, com bíceps avantajados, tórax largo ao extremo, que chegava a afastar os braços, pelo menos uns 45°, porém, com um descomunal abdômen.

Pouco estudo, provavelmente o que hoje é o fundamental completo, conseguiu se encaixar na Administração de um Município da Área Metropolitana do Recife, percebendo pouco mais que um salário-mínimo. Levemente manco, como decorrência de fratura exposta que sofreu batendo bola, e era um “dragão do álcool” (botava muito “fogo”).

* Juiz do Trabalho da 6ª Região.

Notabilizou-se naquele ambiente de bebedeira e bola, por sua sovínice extrema. Jamais pagou uma conta de bar. Quando muito, comprava algo barato pra beber, e consumir com um outro miserável, amigo comum também de Pedro, conhecido por "gato", em razão de algumas habilidades que possuía. Bebiam em estado de alerta, para que ninguém mais encostasse.

Pedro, de menor estatura, bem mais franzino, mas também com uma protuberância abdominal abjeta, era o extremo oposto. Estudou. Formou-se advogado e experimentou algum sucesso, mas detonava seus ganhos, na cachaça e seus acessórios, e nas raparigadas.

Não guardava um tostão. Começou cedo o seu ruinoso endividamento. Pagava todas as contas das cachaçadas com Álvaro, e outras despesas do amigo, bem como de quem precisasse, emprestando, "a fundo perdido", a qualquer papudinho, até que o "acervo" de credores tornou sua existência impossível.

Com tais "predicados", os amigos jamais conseguiram manter relacionamentos estáveis. Dois idosos, "sub-70", sozinhos, morando nas casas dos pais falecidos, tendo apenas um ao outro, em encontros alcoólicos, às expensas de Pedro, até enquanto o assédio dos credores permitiu.

Álvaro, não obstante o consumo destrambelhado de álcool, dificilmente ficava embriagado, pelo menos que se pudesse perceber, considerando o seu corpanzil, que lhe permitia absorver grandes volumes de destilados e cervejas.

Com o que lhe restou da função cognitiva, e com uma vida absolutamente sem conforto, só para acumular o "vil metal", chegou a somar depósitos bancários na ordem de um milhão de reais.

Os amigos, com suas dificuldades, não permitam um prognóstico ditoso. Álvaro foi vítima de um golpe, que lhe envolveu numa "sociedade", da qual jamais participou, cuja fraude foi lastreada por documentos falsos. Simplório, sem

acompanhamento jurídico adequado, teve suas economias de vida inteira penhoradas, e liberadas judicialmente a um credor daquela sinistra "sociedade".

E tome sofrimento! Aquela "fortuna" era o mote da vida de Álvaro. É sabido que a avareza não se limita ao dinheiro, que tem um papel simbólico nessa patologia. Amesquinha a alma, aprisiona os afetos, é a "miséria emocional". Não permite a generosidade, o compartilhamento.

Diante de tal tragédia, instalou-se, de imediato, um quadro de demência. Depois foi diagnosticado um AVC. Álvaro vive de favor, prestado por um parente de bom coração, a quem sempre maltratou. Seu corpo foi reduzido a um terço do que era. As funções cognitivas praticamente não respondem: um morto-vivo!

A perdularidade é a outra face da "moeda do sofrimento". Pedro se desfez de tudo. Vendeu e bebeu a casa dos pais. Distribuiu o que pôde, e acumulou dívidas irresgatáveis.

Meteu-se com inúmeros agiotas. Apanhou, escapou de atentados à sua vida, e sumiu!

Ficção que retrata o martírio de milhões. Nem sempre por patologias extremas. Basta descurar os olhos gananciosos do sistema iníquo em que vivemos.

Algumas almas não concebem o equilíbrio. O dinheiro as mata cruelmente. Mundo do dinheiro: mundo miserável!

A sina de Uberajara Rango

Arnaldo José Duarte do Amaral*

Nordestino.

Alegre por fora, sofredor por dentro, olhos, sempre tristes a lhe revelar uma alma que torcia para ter e, sobretudo, não perder, se a tivesse.

Outrora, menino, foi vaqueiro. Montava arredios cavalos e labutava de sol a sol. Não conhecia, nunca conheceu, domingos e feriados, guardando uns poucos santos dias no correr dos anos. Tirante esses poucos dias de descanso, Natal e Sexta-feira Santa, para ser exato, costumava cruzar, em desvairada correria, riachos secos, varando a inóspita caatinga, a sua casa, atrás de arredio gado. Tinha como paga, pelo labor daqueles idos, a quarta parte das crias nascidas, o resto, os outros três quartos das cabeças, cabiam ao coronel, seu padrinho, a quem pouco avistara em toda sua vida, mas por quem guardava cerimonial e verdadeiro respeito.

Por isso, anos depois, bem se adaptou ao trabalho em sua moto. Uma vez mais, labutava de sol a sol, os sete dias da semana, sempre a cruzar, em desvairada correria, as ruas e avenidas da cidade grande. Tinha como paga, agora, a mesma quarta parte

* Juiz do Trabalho da 13ª Região.

do seu trabalho, calculadas sobre o valor das muitas corridas que fazia entregando coisas, pessoas e comidas, mas, desta feita, quem lhe remunerava lhe chamava de parceiro e não de afilhado.

Veza ou outra, quando parava nalgum semáforo, sentia saudades de sua terra. Lá, ao menos, avistava, embora raramente, o coronel e lhe pedia benção e bem conhecia os jagunços e os macacos, na cidade grande, escapular das milícias, dos traficantes e da polícia era bem mais complicado, nunca se sabia quem era quem por estas bandas, mas um homem acostuma-se às muitas armadilhas do destino.

Por isso, matinha aquele riso teimoso, não dando gosto ao destino, vagava, assim, horas a fio, pelas brenhas da cidade grande, sabendo, sem nunca ter lido Sartre, obviamente, que era um ser condenado a ser livre, da outra condenação, esta divina, a fome, esquivava-se, cumprindo a sina diária de ganhar o pão com o farto suor no rosto.

E para quem, desde cedo, acostumou-se a guiar um cavalo entre os muitos espinhos e perigos da caatinga, conduzir aquela moto, entre os automóveis da cidade grande, foi até moleza, afinal, cabrito bom não berra e cobra que não anda não engole sapo, nem se alimenta, como lhe ensinou o pai.

Desse modo, trabalhava tanto e ganhava tão pouco, e ainda era grato ao coronel, quer dizer, ao aplicativo, afinal, desde menino foi treinado a acreditar em seres invisíveis e essa tal mão invisível do mercado era mais sábia do que os seres da mata juntos, providenciaria tudo com justiça e acerto, se muito trabalhava e pouco ganhava, não havia jeito, era por conta das tais leis de mercado, nada havia a ser feito.

Por isso, nesse cenário de ilusões e incertezas, ficou feliz quando abriu uma pessoa jurídica, seguindo seguro conselho do seu parceiro invisível, agora ele era um MEI, "fechei meu corpo de vez", contou a mulher, "se algo de ruim suceder será com a

essa tal de MEI, não comigo. Fechei meu corpo em um cartório, coisa de doutor, não de preto velho", dizia animado. "Nada temos a recear", disse a mulher.

Temia, contudo, sem nada dizer a ninguém, um deus ainda mais tinoso, um tal de algoritmo, pois sabia que se o bicho cismasse com ele, nada havia a fazer, seria uma sentença de morte em vida, um verdadeiro desterro, teria a liberdades dos vastos desertos onde se é impossível sobreviver.

Pior ainda, nesta terra de ninguém, não sabia qual cartilha seguir para agradar a fome desse bicho insaciável, o coisa ruim, esse tal de algoritmo e os seus indecifráveis segredos empresariais.

Sentia-se em um labirinto dentro de um vasto deserto, trabalhando cada vez mais para fugir de sua sorte.

Mas não teve jeito, o bicho do algoritmo, um dia, lhe pegou na tocaia, como um caçador na beira da água esperando o bicho sedento morrer matando a sede que lhe matava, são muitas as mortes no sertão e nas cidades e da morte não se escapa.

Assim, de uma hora para outra, estava fora do sistema, desligado, como uma máquina sem uso e sem fusos e sem ter como sustentar a si a sua família e de como pagar aquela moto, seu cavalo, seu quinhão de liberdade.

Estaria, uma vez mais, morto? Não sabia, não queria acreditar.

O que teria feito de errado para ter sido assim, de repente, desligado depois de uns três anos de trabalho sem descanso e sem recusar corridas, não sabia, não teria como saber, era tudo um segredo empresarial lhe contou um doutor advogado, agradeça os dias de trabalho e o dinheiro duramente ganhado, não há nada a fazer.

Lembrou então do dia em que, aos doze anos de idade, viu sua família ser expulsa daquelas terras depois de tantos anos de vida dura, de trabalho de sol a sol.

O coronel, ao menos, deu ao seu pai a paga dos animais e as bênçãos sinceras aos afilhados, agora nada.

É, nada muda sob o sol, pensou, mas daremos um jeito

Morreu na derradeira corrida, era agora um degredado, a pior morte em uma vida.

A sucessão

Mário Lúcio Batgniani*

Havia uma atmosfera de inquietação nos corredores da empresa BioMor S/A. O diretor-geral, Antônio Silva, um homem respeitado e temido, seria transferido para liderar uma nova empreitada da companhia. A sua vaga, como de costume na tradição da empresa, deveria ser ocupada por um dos gerentes. Três candidaturas emergiram. Helena Costa, do departamento comercial, Carlos Mendes, responsável pela área industrial, e Rafael Oliveira, o braço direito de Antônio e responsável pela área administrativa.

A competição era feroz. Não havia ingênuos, inexperientes ou benevolentes. Ninguém chegava aos cargos de gerência sem uma boa dose de sagacidade, além de muita competência. Mas logo ficou claro que a disputa seria entre dois nomes, Helena, com sua astúcia e imensa capacidade de conseguir com que as pessoas fizessem exatamente o que lhe convinha, vezes usando de seu poder com ameaças ou benefícios, vezes manipulando habilmente os com quem não poderia usar de seu cargo, e Rafael, cujo conhecimento administrativo e relacionamento próximo com Antônio lhe conferiam enorme vantagem.

* Juiz do Trabalho da 16ª Região.

Antônio faria a indicação, mas a decisão final seria do Conselho Administrativo, que, como regra, ratificava a indicação, mas tinha a prerrogativa de escolher outro nome. Como regra, os gerentes já não tinham acesso aos conselheiros e neste período em especial qualquer tentativa de aproximação ou diálogo seria tida como indevida interferência e poderia custar inclusive a exclusão do candidato do processo. As normas internas eram pensadas sempre em favor do que fosse o melhor para a organização.

O processo de sucessão mal começou e logo as intrigas tiveram início. Rafael passou a minar a reputação de Helena nos corredores, espalhando boatos e questionando suas habilidades. Helena, por sua vez, não ficou atrás, usando sua influência para prejudicar Rafael em diversas situações, colocando em dúvida mesmo suas competências técnicas.

Carlos logo percebeu que não teria a mínima chance. Mesmo desejando muito participar, ponderou que suas chances de ser o escolhido eram mínimas e grandes as de ser esmagado por ambos rapidamente. Com isso, acabou mantendo-se à margem da disputa, ao ponto de seu nome nem sequer ser citado nos corredores. Sem muito o que fazer, enquanto a empresa praticamente ardia em intrigas, focou seus esforços nos projetos de seu setor. Vez ou outra, acabava mesmo era sinalizando apoio ora a Helena ora a Rafael, já pensando nos desdobramentos da escolha e de possíveis vantagens que isso poderia lhe render.

O tempo passava e as disputas entre Helena e Rafael se intensificavam. A sucessão, que deveria ser rápida e eficiente, transformou-se em um verdadeiro campo de batalha dentro da corporação, que em certa medida, se não incentivava abertamente o embate, não fazia a mínima questão de arrefecê-lo e muito menos de proibi-lo. Para Antônio a divisão e disputa eram eficientes mecanismos de gestão.

Ninguém ficava alheio e poucos conseguiam manter uma neutralidade. Ou você estava de um lado ou do outro. A

sucessão começou a ser vista como o surgimento de um novo grande líder, mesmo que para isso fosse necessário que apenas um sobrevivesse. A partir de um certo momento ficou claro que seria inviável manter o perdedor sob a direção do eleito. Não havia mais clima para um trabalho de cooperação em favor da empresa. Só duas saídas eram possíveis: ou a demissão ou a transferência para algum outro ramo do grupo, mas a permanência ali, impensável.

Uma simples reunião com os candidatos, antes técnica, harmoniosa e principalmente eficiente, tornara-se inevitavelmente prolongada, com acaloradas discussões e troca de acusações. Os que tentavam se manter distantes assistiam a tudo isso tensos e temerosos. Afinal, ambos detinham muito poder e num momento de fúria poderiam facilmente voltar sua ira na direção de alguém que não julgassem seu aliado, o que acabou acontecendo algumas vezes como uma clara demonstração deste poder.

A empresa começou a sentir os efeitos desta turbulência em seus resultados, mas nada de intervenções. Ainda não era hora. Ainda não havia um vencedor. Ambos continuavam de pé e digladiando. Era um espetáculo para os admiradores de uma feroz luta. Para a direção da empresa era quase que um processo de seleção natural, onde prevaleceria o mais forte em todos os sentidos. O processo há muito deixara de ser uma corrida em direção ao cargo e passado a ser uma disputa direta e frontal, cujo foco era o ataque ao oponente. O cargo deixou de ser o objetivo. Virou apenas uma justificativa para ataques ao desafeto.

Como sói acontecer em situações desse tipo, a coisa acabou ultrapassando os muros da corporação. Um dos filhos de Helena, o mais velho, um talentoso profissional em outra empresa, foi demitido de forma abrupta após um acerto de antigos favores entre Rafael e os empregadores do rapaz. Ajudas não costumam ser de graça e Rafael não hesitou em cobrar uma dívida, prejudicando o jovem que absolutamente nada tinha a ver com a

história, tirando o fato de ser filho da rival Helena. Em verdade, o filho mantinha há muito distância profissional da mãe. Queria e vinha conseguindo escalar sua montanha por méritos próprios. E de repente foi jogado já de uma altura considerável sem a mínima consideração ou aviso. Levou um tempo para descobrir o que e o porquê de ter sido atingido, o que acabou por fissurar sua relação com a mãe.

Helena, desestabilizada pela demissão do filho, de quem tinha muito orgulho, teve que lidar com consequências familiares daí advindas. Além do filho, o marido e demais parentes a culpavam pela situação. As coisas em casa ficaram mais tensas do que de costume. E ela não deixaria, como não deixou, por menos. Começou a espalhar boatos sobre o casamento de seu oponente e suas verdadeiras preferências.

Rafael acabou atingido em o que era mais sagrado para si, sua família, e não tardou para as consequências aparecerem. Alguns sintomas se acentuaram e, após muita insistência de pessoas próximas e familiares, foi ao médico e descobriu que estava com problemas cardíacos, com risco iminente até de morte. Sua saúde sempre foi negligenciada e o cenário recente havia acelerado problemas. O poder sempre esteve em primeiro lugar, sob a justificativa de que precisava dar o melhor para esposa e filhos, quando na verdade era a vaidade que o impulsionava. Sua esperança subconsciente era de que poder e dinheiro sempre resolveriam tudo. O acesso a bons médicos, hospitais e clínicas era a salvaguarda.

Embora indicadores parciais já demonstrassem, o resultado do último trimestre foi um duro golpe no desempenho da corporação. Era simplesmente o pior dos últimos dez anos. Inadmissível. Era hora de mudanças. Era hora de encerrar o espetáculo. Cobrado por isso, embora todos fossem complacentes com ele, Antônio decidiu que faria a escolha na semana seguinte.

A proximidade da escolha fez com que as brigas praticamente cessassem. A decisão já havia sido tomada. Era

só questão de tempo para encaminhá-la e fazer o seu anúncio. E ela veio rápida. Logo na segunda-feira seguinte, às 9h, em reunião reservada com os três concorrentes, Antônio anunciou de forma gélida e objetiva, em uma conversa de não mais de cinco minutos, que a escolhida havia sido Helena. Explicou suas razões, nas quais nenhum deles acreditou, nem ela mesmo, e agradeceu formalmente a todos pela participação. A disputa havia chegado ao fim. Antônio temia que a indicação de Rafael naquele cenário fosse vista como um ato mais de amizade e menos técnico, por isso optou por Helena, conquanto as justificativas formais fossem outras, basicamente as superiores qualificações pessoais dela. Justificativas são facilmente arrumadas em alguns contextos.

Encaminhado o resultado para o Conselho Administrativo, este, na tarde da terça-feira seguinte, ou seja, pouco mais de vinte e quatro horas após, decidiu, porém, quebrando a tradição da empresa de simplesmente ratificar a indicação, escolher Carlos como o novo diretor-geral da unidade. Não houve nem tempo para comemorações por Helena e lamentações por Rafael, que recebeu o resultado àquela altura como uma vitória. Helena não ser a escolhida era mais importante para ele do que ser ele o eleito. O processo mudara o desiderato de tudo aquilo.

A mudança ainda foi um duro golpe para Antônio, que, mesmo de partida para uma nova jornada muito distante de toda aquela atmosfera, acabou por receber do órgão máximo da corporação uma reprovação. Foi considerado o culpado por toda aquela trama, agora negativa, e por permitir que as coisas chegassem ao nível que chegaram e em especial pelos péssimos resultados experimentados no último trimestre. Afinal, um culpado sempre haverá de ter e quase nunca será de quem pode dizer de quem é a culpa. A culpa é sempre do outro, de preferência de alguém que esteja abaixo na escala hierárquica.

Promovido para o cargo de diretor-geral, Carlos não tardou a agir. De imediato, cuidou em conseguir a transferência de

Rafael para outro segmento do grupo. Alegou que era inviável a cooperação dele com Helena e que este estava passando por sérios problemas de saúde, o que era verdade, já que os problemas cardíacos eram irreversíveis, como veio a descobrir mais tarde, exigindo-lhe uma mudança radical no estilo de vida e o uso de pelo menos cinco medicamentos diários e contínuos. Novos ares lhe fariam bem e um dos objetivos da empresa era o bem-estar de seus colaboradores. Estava lá entre os valores da empresa. Algumas regras são convenientemente lembradas em situações esporádicas. Apesar de todo o convincente conjunto argumentativo, o que Carlos queria mesmo era o afastamento de qualquer resquício da influência de Antônio na unidade e Rafael havia sido seu braço-direito por longos anos.

O desligamento ou transferência de gerentes necessitava do aval do Conselho Administrativo, que não demorou nem dois dias para transferir então Rafael para outra unidade.

Mudanças em escalões inferiores prescindiam de autorização do Conselho. O diretor-geral poderia fazê-las livremente. E estas não tardaram a acontecer. Carlos substituiu praticamente todo o segundo escalão, nível imediatamente abaixo ao de gerência, dos setores de Helena e Rafael por pessoas de sua confiança. Empregados com mais de dez anos de empresa foram demitidos sumariamente, sem maiores considerações ou explicações, apenas com seus direitos por uma "dispensa sem justa causa" corretamente quitados.

Helena, cujo casamento não havia resistido ao processo todo, além de difíceis questões relacionadas ao divórcio e mágoas familiares, começava a apresentar problemas de ansiedade e depressão. Mesmo com produtividade muito aquém do seu potencial, foi mantida no cargo. Pelo menos por ora ainda seria útil. Não só não representava uma ameaça àquela altura, uma vez que estava cercada por novos aliados de Carlos, como dependendo de como a coisa se desenrolasse poderia ter com este uma dívida de gratidão, por tê-la "poupado" em delicado

momento de sua vida. E nada como ter uma dívida que possa ser executada a qualquer momento no futuro, em especial as por gratidão, que costumam ser como "cheques em branco".

A engrenagem empresarial voltou a funcionar como deveria ser. Uma atmosfera de medo e tensão, estabelecida a partir das várias recentes alterações, com destaque para o medo de se perder um ótimo emprego em uma excelente organização, fez com que todos dessem o seu melhor.

Não tardou para as metas voltarem a serem cumpridas e até superadas. Trimestre após trimestre os resultados eram melhores. O cenário conflituoso e de desequilíbrio acabou sendo uma grande oportunidade para Carlos desenvolver e mostrar suas habilidades.

Assumir a organização com excelentes resultados, exigiria que ele ao menos os mantivesse, o que já o colocaria sobre natural pressão. Ao assumir o cargo no contexto em que acabou sendo promovido, levava a que qualquer melhoria fosse vista como fruto de sua atuação e isso não era difícil, considerando que a organização tinha excelentes empregados. Bastava que cada um voltasse a fazer o que sempre fez com excelência. Nada demais então.

Carlos acabou sendo o grande beneficiado com a crise. Pelo menos do ponto de vista profissional, já que o cargo acabou por lhe exigir mais dedicação e tempo, que teve que retirar da atenção que se esforçava para dedicar à família, em especial à filha, que contava com tenros quatro anos, idade suficiente para sentir falta da presença e da disponibilidade que ele outrora tinha para as brincadeiras.

CTPS

Paulo Roberto Dornelles Junior*

Às vezes, é preciso olhar ao redor para enxergar o que está dentro de nós mesmos.

Este conto é baseado em uma história real.

A aprovação no concurso de Juiz do Trabalho do TRT da 8ª Região simbolizava uma vitória e tanto. Notório pelos exames exigentes, ser aprovado no concurso deste Tribunal era de certa forma um atestado de competência. Mas a verdade é que eu não me sentia assim. Existia uma expectativa muito grande de qualidade e celeridade do trabalho. E eu tinha imensa dúvida se conseguiria. Vindo de escola estadual pública, tudo aquilo parecia grande demais. Distante demais. Não para mim demais.

Se existem coisas na vida das quais conseguimos fugir, estas coisas com certeza não incluem pensamentos. Eles espreitam nossas noites, sobrevoam a cama e produzem o som ensurdecedor do silêncio. O sono era pouco e pesado. O cansaço acumulado apenas piorava tudo. O receio de não conseguir dar conta de presidir as audiências crescia. E o dia de iniciar as atividades em definitivo, por mim mesmo, chegava. Tic, tac, batia o relógio da vida.

* Juiz do Trabalho da 4ª Região.

Já notou como nos momentos mais difíceis, quando tudo parece perdido, costuma surgir uma mão para nos erguer? O curioso é que esta mão pode vir dos lugares menos esperados. Pois o Secretário de Audiências notou que eu não estava bem. E fez um convite: vamos à Igreja?

A Igreja Católica. Há muitos anos eu não frequentava, salvo em momentos muito difíceis. Motivado muito mais por educação, decidi aceitar. Após o expediente, lá fui à Igreja.

A cidade de Belém do Pará é religiosa. Mas uma religiosidade diferente. Uma religiosidade vivida. Que pulsa, vibra e enche os corações. Conhece o Círio de Nazaré? De uma certa maneira, Belém vive o Círio ao longo de todo o ano no coração de cada paraense. E nem é preciso ser católico para sentir esta energia viva. Este amor é fundo e caudaloso como a Baía do Guajará e banha a todos.

Mas esta não era minha expectativa do que seria minha ida à Igreja. Novo na cidade, eu não tinha ainda a visão do que era a religiosidade de Belém. Esperava uma missa seguindo os ritos tradicionais, que infelizmente eu tinha dificuldade de acompanhar. Mas foi algo totalmente diferente e novo para mim. Era uma cerimônia de Adoração em uma Igreja de bairro.

Era uma Igreja simples e digna. No altar estava em destaque o símbolo do Santíssimo Sacramento. Jovens tocavam instrumentos musicais ao vivo. Uma menina cantava com voz angelical uma música inesquecível: "Fortaleza! Meu refúgio! Torre forte, onde posso descansar". Era estimulado que agradecêssemos por tudo o que tínhamos na vida. Todos cantavam. Todos agradeciam. Abraçavam-se as pessoas ao lado, em um dado momento. E depois, no ápice da cerimônia, era momento de pedir.

Pedir. Em fila, em direção ao altar, os fiéis erguiam fotografias de familiares doentes. Erguiam pequenos papéis com súplicas a Deus. Erguiam objetos de todo tipo. Todos juntos, em

uma energia indescritível, pediam e agradeciam. "Fortaleza! Meu refúgio", a voz angelical cantava ao fundo. Segurei o quanto pude, mas não consegui. Desabei em lágrimas profundas, soluçando. Era como se um rio amazônico finalmente pudesse ver o mar.

Passei a frequentar a Igreja uma vez por semana. Encerrava o expediente e saía para aquele evento mágico, emocionante e transformador. Todas as vezes, sem exceção, a emoção dominava minha existência ao presenciar tanta fé e tanto amor. Deus existe? Eu infelizmente não sei. Mas, se existe, com certeza Ele estava ali.

Até que um dia aconteceu algo que mudou minha vida. Era o momento da cerimônia em que os fiéis pediam a Deus. Fotos, papéis, objetos ao alto. Uma senhora segurava algo diferente. Era uma senhora de idade mais avançada, a pele morena de sol. Utilizava vestido simples, de tecido cru branco, simples mas muito digno. Demorei para entender o que ela segurava. Talvez, no fundo, eu não quisesse aceitar que via aquilo. Não podia ser aquilo. Não podia.

Mas era. Ela erguia uma carteira de trabalho. Uma CTPS. Segurando firme o documento com as duas mãos, ela caminhava lentamente em direção ao altar.

Ela suplicava por trabalho.

Um nó de mil facas atravessou minha garganta. As lágrimas inundavam meu rosto. Eu soluçava, mas soluçava de verdade. "Meu Deus", eu gritava internamente, "eu tenho um trabalho. Posso ser o pior Juiz do mundo, o mais incompetente. Mas eu tenho o direito de tentar. Meu Deus, me ajude".

E naquele momento eu retirei minha identidade institucional do bolso interno do casaco. Olhei para ela, como fiz muitas vezes, e vi minha foto e os dados de identificação. "Sou eu mesmo? Eu consegui?", eu perguntei para mim, como tantas vezes fiz. Não importava. Tinha que ser eu.

Pela primeira vez, entrei na fila de fiéis em direção ao altar. Segurei firme a carteira institucional, com minhas duas mãos e ergui o mais alto que pude. A passos lentos, com o rosto coberto de lágrimas, iniciei a caminhada. No meio da caminhada, senti uma mão suavemente tocar minhas costas, parecendo dar forças para seguir. Olhei para trás tentando encontrar quem foi. Não havia ninguém próximo. Respirei fundo, como pude, e segui a caminhada. Fui até o altar pedir a Deus que me ajudasse. Que me desse forças. Que me permitisse tentar.

Não sei se consegui ser o melhor profissional do mundo depois deste dia. Mas lembro de ter dormido. Dias seguidos, dormi. O silêncio já não mais gritava. Aos poucos, o receio de não atender às expectativas transformou-se em esperança. Dia a dia, com muito esforço e fé, fui construindo um Juiz. Ou talvez enxergando este Juiz, que já estava lá dentro e esperava ser visto.

Muito ocorreu depois deste dia. Aprendi que certezas nesta vida vão e vêm, como as chuvas de final de tarde na inesquecível Belém do Pará. Mas uma lição em especial ficou. Esta nunca mais esqueci. Por vezes, procuramos todas as respostas em uma busca infinita dentro de nossas próprias almas. Escavamos cada centímetro em busca de algo que nos mostre o caminho da verdade. Mas às vezes esta resposta está no outro lado. Às vezes, é preciso olhar ao redor para ver o que existe dentro de nós mesmos, por mais difícil que seja. Por caminhos tortuosos, foi o que fiz: enxerguei de fato o que havia ao meu redor.

O que você vê ao seu redor?

Depois eu conto

José Eduardo de Resende Chaves Júnior*

Depois eu conto. Mas todo mundo já sabe.

Sempre souberam, mas vou dizer em frases curtas, porque é mais fácil pra ler, compreender e chegar ao final da frase.

Chegar no fim no texto é sempre um desafio, astronômico e abissal. E ninguém lê meus contos.

Esta é estória sobre um contador de estórias que não consegue contar estórias curtas, miúdas. Seus contos são feitos de frases longas, períodos enormes, parágrafos intermináveis. A vírgula rareia.

Ser conciso e preciso é preciso. Viver não é preciso. Este o dilema da imprecisão da pessoa prescindível do Pessoa.

Ele se confunde comigo. Onde eu termino e ele começa? Não é bem *onde*, nenhum lugar contido, topológico, é sempre *aonde*, uma passagem, um caudal, uma torrente para minhas palavras fugidias. Fluidez heterônoma da precisão.

Toda profundidade é prolixa. Extensa e intensiva na mesma voz, em variáveis tons. Condensação é coisa da poesia, disse-me-disse em páli, Ezra Pound. Mas conto é outra estória, muito mais esticada.

* Desembargador do trabalho aposentado da 3ª Região.

E esta estória é a do conto, sem ponto. Sem respiro, eterna inflexão, sem ar, só pensamento sem fim. Mas com ponto final. Dilema da imobilidade de Zenão.

Cada conto é uma estória, um fluxo, *continuum*. Sempre uma verdade infinda. Todo ponto é uma interrupção. Cada ponto, no conto uma frustração. Minha escrita desapontada é esta desventura na concisão. Mais um ponto de interrogação!

Todo mergulho é uma imanência. Mergulho sem fôlego se esvai, em suspiro. E suspeita, jamais desfeita. O conto não transcende, ele imana. Todo ponto no conto desaponta – *coitus interruptus*. Como desponta a concisão? Nem uma pontinha de inveja.

Mas preciso te levar ao final do conto. Não me interrompa no meio desta estória sem fim. Nem começo, que era verbo, enfim.

Mas entre mim e a terceira Pessoa, você se meteu neste conto. Somos nós três agora, dando nós nesta estória, que ele escreve só pra tua pessoa. Sem você, ele é só espelho, pura ilusão em ricochete, sem a voz da sua imagem. Demoníaca trindade de nós que invade e enreda este conto infinito.

A concisão não é possível. São palavras mudas. O ponto sempre deixa as pontas de fora. Conto e ponto são inconciliáveis. A concisão é a voz inefável da sua própria ausência.

A concisão renega a abundância e a generosidade é exuberante. Natureza é pródiga, incontida, radiante. A concisão é apenas suficiente, sovina.

Qual é a estória deste conto, afinal? É o dilema do final? Ou da concisão que sempre falta, que soçobra. São as sobras da concisão?

Não há o que dizer da concisão, sempre vão faltar palavras. É um desperdício vocabular. Por que jogar palavras fora? Palavras inúteis não servem pra nada. Só servem para o conto.

Concisão é a austeridade do texto. Palavras sinceras, sem duplos sentidos. Objetivas, diretas, sem sal. Só as necessárias. Sol doira sem palavras e literatura. Pessoa se mete no texto sem ser chamada e sem poesia. Sempre sobra. Conto lacônico é o puro exercício da avareza das palavras. Mais bem dito: inauditas palavras malditas. É o dito pelo não dito, ora (dizeis) ouvir?

Nunca vou conseguir te contar. Depois eu conto, mas todo mundo já sabe.

Ela

Priscila Cunha Lima*

Já fazia alguns minutos que estava diante da prateleira de molhos de tomate para macarrão cozido. Os pacotes vermelhos, todos com imagens de tomates gorduchos, dispostos em fileiras, davam a entender que todos eram de molhos de tomate. Ela sabia, porque tinha visto um vídeo sobre isso, que há molhos de tomate que não são molhos de tomate. Molhos de tomate são compostos de três (ou será quatro?) ingredientes. Falsos molhos de tomate possuem muitos ingredientes. Não conseguia escolher, pois detestava a ideia de ser enganada por molhos de tomate.

Começou a atrapalhar as pessoas que tentavam passar no corredor estreito do mercado. Seu carrinho gigantesco com meia dúzia de compras, somado à sua forma corporal de estátua contemplativa, irritava quem só queria passar.

Dessa vez, estava determinada a encontrar um molho de tomate de verdade para fazer um macarrão cozido para as crianças quando elas voltassem para casa. Pegou então uns seis pacotes de molhos diferentes colocou no carrinho junto com o macarrão, um manjerição triste, biscoitos, cola superbonder, chocolate, maçã, fósforo e um pernil de 6kg. No caixa resolveria isso lendo tudo e, assim, não seria enganada.

* Juíza do Trabalho da 5ª Região.

Já na fila, distraiu-se com as perguntas da caixa com uma sombra verde nos olhos para a cliente da frente, com uma criança apática. O diálogo era sobre a forma de pagamento, CPF na nota, doação ao abrigo de idosos, já viu o calendário de animais, quer levar mais um chiclete porque ganha outro, responde uma rápida pesquisa de satisfação, quer usar caixa de papelão no lugar da sacola, pode enviar a nota por e-mail. A mãe da criança se esforçava para segurar a mãozinha pequena, escutar e responder ao questionário.

Na fila, ela então começou a imaginar que seria a próxima a passar por tamanho interrogatório e já ensaiou responder hoje não obrigada, ou talvez só não, pra ficar mais rápida a enquete.

Chegou a sua vez, nem tinha dado tempo de ler os rótulos. Respondeu à caixa verde, sim, não, não, não, sim, as perguntas mudaram de ordem. Ela ficou confusa, só queria sair dali e voltou pra casa com todos os molhos de tomate, os falsos e os verdadeiros, um calendário de animais idosos dentro de uma sacola e uma caixa de papelão de chicletes, bem pesada e com tudo dentro.

Chegou na garagem do edifício. Já tinha mais ou menos um mês que o marido se mudara, deixando para trás um vácuo na sua atividade de levar compras do carro para o apartamento com o carrinho e largar todos os sacos por cima da mesa da sala. Ele fazia isso porque, insistia, não sabia arrumar as compras como ela gostava, afinal ela só reclamava de tudo e ainda por cima suas calcinhas todas tinham furos nas rendas, além do que ele precisava descer para a garagem pra devolver o carrinho de compras.

Respirou fundo, pegou a caixa e, com um mindinho, a sacola dos idosos e colocou no carrinho. Subiu pelo elevador de serviço, estacionou o carrinho na porta de casa, carregou a pesada caixa e os animais pra dentro de casa. Pouco antes de entrar, reparou no enfeite horrendo pendurado na porta do vizinho, em pleno novembro, com um Papai Noel de cabeça desproporcional ao

corpo, luzes piscando, neve e pirulitos gigantes. Detestou a alegria natalina precoce. Nesse mundo há limite pra tudo, menos pro mau gosto, pensou.

Eram vizinhos já fazia algum tempo. O vizinho era um tipo baixinho e barbudo que tinha uma namorada que às vezes ia lá. Os dois casais nunca haviam sido propriamente amigos, apesar de vizinhos de porta, mas se tratavam sempre com cortesia. O vizinho já havia até mesmo recomendado um restaurante de carnes meio cruas que ela tinha detestado.

Apenas uma vez tinha havido um pequeno desentendimento, por conta de serem também vizinhos de garagem. O vizinho tinha estacionado a sua moto gigante além dos limites da sua vaga, situação resolvida rapidamente pelo marido mudado. Bastou uma conversa amena entre os dois e batidinhas recíprocas nas costas. Nesse dia, o marido que se mudou voltou pra casa até com o cartão do médico que havia feito o implante capilar no vizinho com um resultado ótimo, supernatural, ele disse.

Ela lembrava até de ter visto, mais de uma vez, o vizinho e a namorada saírem sorridentes de moto, os dois vestidos de preto com uma bandeira do Brasil enrolada no pescoço, principalmente em anos sem copa do mundo de futebol.

Não conhecia muito a namorada, que só ia lá aos fins de semana, mas quando a via, era no elevador. Tinha um tom de voz difícil de escutar, agudo demais, não dava pra entender direito, sua dicção era péssima e engolia as últimas sílabas das palavras. Assim mesmo a namorada falava muito, contando longas histórias com dicas de bem-estar, água alcalina, touca de cetim, pintura em cerâmica, base para o rosto, vida leve.

Nessas histórias, sempre disparava a falar, mas só dava pra entender alguns trechos, umas palavras soltas: muito amor envolvido, aerolook, é só minha opinião, gratidão, não dá pra viver sem, tava na missa, muita gente perguntou, não como industrializados, muito mimimi, amo decorar, tenho

uma dica ótima, tô apaixonada por esse creme. Enfim, já deu pra entender, era sempre um monólogo com sílabas engolidas, dentro do elevador. A namorada sem dicção não entendia a regra universal de que a única coisa que deve ser feita no elevador é olhar os números mudando no painel, em perfeita ordem e previsibilidade.

Depois do encontro com a guirlanda horrenda e depois de ter entrado em casa, ela foi descansar no sofá. Largou a caixa das compras no meio da sala junto com o calendário ensacado no chão. Pensava na insanidade exaustiva que era ir ao mercado e assim foi relaxando.

Não durou nem cinco minutos e uma mosca pousou em sua testa. Espantou-se e viu que era uma mosca pequenina, meio vagarosa, indolente. Ficou espreitando e esperando ela pousar novamente. Pousou. Ela abriu bem a mão e, de um tapão, esmagou o inseto na parede.

Olhou bem de perto e, com atenção, examinou o inseto esmagado e a gosma densa que extravasou do abdômen. Não era uma mosca bebê, já sabia que as moscas já nascem no tamanho que viverão pelo resto da vida, não crescem nem amadurecem. Inseto desprezível, nojento, asqueroso, tinha certeza de tratar de um macho por conta do seu pequeno tamanho, afinal as moscas fêmeas são sempre maiores, como se sabe.

Depois limpo a parede, resolveu, já tomada de cansaço. Cochilou de exaustão no sofá mesmo, tamanha interação humana enfrentada no supermercado, culminada com o esforço de carregar uma caixa de papelão já umedecida pelo descongelamento do pernil.

Dormiu leve no sofá, meio atenta ao ambiente ao seu redor. Acordou com um bilheteinho embaixo da porta de entrada.

Estranhou.

Levantou, pegou o bilhete:

Vizinha, dessa vez eu levei o carrinho de compras que você deixou na frente da porta. Não levarei novamente.

Releu, sem acreditar no tom do vizinho que antes sempre tinha sido simpático, educado e solícito ao casal.

Sentiu o papel em suas mãos, rasgado pelas bordas. Releu o bilhete. Tentava se lembrar se tinha mesmo usado o carrinho. Bem as compras estavam dentro do apartamento e o pernil descongelando no meio da sala, então pelo visto, tinha usado, mas depois tinha sido obrigada a teorizar sobre moscas masculinas e aí o carrinho devia mesmo ter ficado na sua porta.

Um pensamento foi crescendo nela.

Ora, ora, nem bem um mês havia se passado da data da mudança do marido e o vizinho já parecia ter também mudado. Quem diria. Tão súbita essa notícia. O novo vizinho veio assim em um bilhete tão grosseiro, com uma ordem em tom de ameaça para ela, que agora, percebeu, já tinha se tornado então a vizinha cujo marido se mudou.

Sentiu raiva. Sentiu ódio. Teve vontade de responder gritando, bater na porta com o carrinho e entrar com tudo no vizinho, atropelando ele. Tentou se acalmar, mas era impossível.

Girou sobre os calcanhares. Escaneou a sala. Viu as compras. Revirou a caixa de papelão, já estava tudo molhado, foi tirando as compras de dentro, manjericão áspero, macarrão grosso, chocolate amargo, maçã dissimulada, biscoito mentiroso, pernil agressivo, fósforo fingido até encontrar a cola super-bonder.

Saiu do apartamento e pegou a guirlanda ridícula da porta vizinha. Entrou em casa. Sentou e leu todos os rótulos dos molhos de tomate, tomada de ódio e desconfiança. Passava os dedos nas palavras minúsculas e lia em voz alta. Das seis marcas, veja só, apenas uma tinha molho de tomate de verdade. Ela então guardou essa para si.

Todas as outras embalagens não eram molhos de tomate porque tinham longas listas de conservantes, estabilizantes, aromatizantes, arrogantes, delirantes, implantes, irritantes, ignorantes e farsantes.

Interessantes ingredientes, pensou.

Com a guirlanda na mão, arrancou pirulitos aparentes, corpos desproporcionais, luzes enganosas e neve falsa. Jogou isso tudo no lixo. Colou no lugar as embalagens dos cinco molhos de tomate dissimulados, todos com os rótulos virados para fora, em um círculo estranho e bizarro.

Depois, pendurou na porta do vizinho.

Empório de Sentimentos Perdidos

Jairo Vianna Ramos*

Havia cerca de vinte minutos que Fernando Horácio olhava a parede branca, imaculadamente branca. Deu-lhe vontade de pegar a caneta e riscá-la. Embora gostasse da cor branca, pensou naquilo como vingança, um vandalismo, mas nem pegou a caneta. Lastimou-se por ter pensado tamanho absurdo. Mil e oitocentos reais, pagamento adiantado, para ficar sentado naquela sala. O aparelho de ar-condicionado era excelente, silencioso e refrescava bem o ambiente. A poltrona, confortabilíssima. Pensou no trabalho, nos embates nas reuniões da diretoria e assuntos a resolver. Nem percebeu o tempo passar, mas, consultado o tempo no caríssimo relógio de pulso, sentiu-se ludibriado. Sessão de uma hora, disse-lhe a bela moça da portaria no ambiente que se espalhava após o estreito corredor de chegada. Pagamento adiantado. Ele sozinho, na brancura da sala. Quase pegou o telefone, depositado na portaria, por orientação da moça, para fazê-lo funcionar e ligar para a polícia. Um crime contra o consumidor. Mas isso também não fez. Aguardaria mais um pouco e talvez chegasse alguém, um psicólogo ou algo assim para lhe entregar os sentimentos perdidos.

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região.

Lembrou-se de como descobrira o Empório. O motorista conduziu o carro da empresa fora do caminho habitual, em razão de um engarrafamento, e passou pelas ruas antigas do centro da cidade. Lojas sujas e gente suada. Pontos de ônibus lotados. Os pobres. Havia sido um deles. Agora nem se lembrava de como era faltar dinheiro para um simples cafezinho. Entre uma e outra loja popular, ele viu a placa sobre uma porta acanhada: "Empório de Sentimentos Perdidos". Pensou em cartomancia ou algo assim. Faltou-lhe coragem de perguntar ao motorista se sabia de alguma coisa sobre o lugar. Não o fez, afinal era um executivo e seria de gosto duvidoso se interessar por esse tipo de coisa.

Diante da parede imaculada, FH se lembrou dos sonhos com a porta do estabelecimento. Uma semana de curiosidade a lhe ferver o cérebro de forma tão contundente que sobressaía sobre todos os problemas muitos do dia a dia de trabalho. Desejoso em desvendar o mistério do empório ordenou ao motorista que repetisse o trajeto do dia engarrafamento. Ao chegar às proximidades das ruas populares, avistou a porta e a placa. Guardou na mente o nome da rua e o número. No dia seguinte, apanhou um táxi e foi ao empório. "É difícil um horário vago para uma sessão", disse-lhe a moça da portaria. Ele insistiu. Ela consultou a agenda. Telefonou para alguém. Finalmente, deu-lhe dia e hora.

Mil e oitocentos reais adiantados para sentar numa poltrona e olhar a parede branca. Se soubesse que seria assim, não viria. Pensou de novo no tempo em que nem podia sonhar em comprar um relógio de pulso e agora os trocava de acordo com a roupa, com a fivela do cinto. Lembrou-se do pai se esforçando para lhe dar estudo, trabalhando na construção civil. Morava numa casinha, quase barraco, no subúrbio. A mãe fazia e vendia doces para festas e às vezes trabalhava em faxinas nas casas de famílias. O pai dizia que preferia passar fome a deixar faltar um livro para o filho. Talvez por isso tenha estudado com

tanto afinco. O melhor aluno na escola pública, na Universidade Federal e mais tarde no mestrado, no doutorado, no pós-doutorado. Quase ficara no exterior, para onde seguiu para estudo, com bolsa a lhe pagar despesas. Lembrou-se do enterro do pai. Na época, era economista chefe. Sentiu a umidade nos olhos. Fazia tempo não chorava. Ajeitou-se na poltrona. A mãe ficara só. Havia comprado uma casa para os pais. Simples, mas muito melhor que aquela do passado. "Anime-se, mamãe", ele disse um dia, nos poucos momentos de que dispunha para visitá-la. Logo ela morreu também, de tristeza. FH nunca pensara nisso. Sentiu o cheiro peculiar de sua mãe quando lhe abraçava. Horrorizou-se de a mãe ter morrido com o coração partido e se entristeceu também. Arrependeu-se de lhe ter faltado com atenção na angústia. Era muito ocupado, faltava-lhe tempo para ela, pois o que tinha era absorvido pelo trabalho e no cuidado com o dinheiro que ganhava. Ainda havia a mulher e o filho a lhe sugarem a migalha de tempo sobrado, e deles também, pelo mesmo motivo, afastou-se. Soou uma campainha e a porta se abriu. Um rapaz apareceu e lhe disse que o tempo se esgotara. FH percebeu que tirara a gravata, o paletó e os sapatos. Vestiu-se e saiu. Na portaria, quis marcar outro horário para o dia seguinte. Não havia. Marcou para outra semana. Na rua, olhou para trás e viu um senhor de mais ou menos sessenta, muito bem vestido, entrar pela porta do Empório. Mais um em busca dos sentimentos, pensou. Apanhou um táxi e deu ao motorista o endereço do trabalho.

Fernando Horácio, entristecido com o seu passado, com a falta de atenção aos pais, que por ele tanto fizeram, postumamente os amou, como nunca. Durante a semana precedente do retorno ao Empório, no Flat em que morava, após a separação de fato do casamento, cercado de luxuosa mobília e equipamentos de alta tecnologia, FH sentava-se no balcão do pequeno bar de bebidas finas e se lembrava do quase barraco cheio de alegria e delicadeza. Sentia o calor dos olhares dos pais. Os abraços quando chegavam dos trabalhos afincados. A preocupação com

os estudos e com a felicidade dele. A cada noite, fatos novos. Ansiava por chegar à casa, porque lhe estava reservado mais um capítulo da novela da própria vida. Sempre a aparição de alguma alegria esquecida ou ternura escondida nas entranhas da deslembração. Em contraposição, havia momentos em que se odiava, depreciava-se ao perceber ter se tornado vil, no ímpeto do sucesso medido em poder e fortuna, em prejuízo da bondade e da felicidade. Ficou certo da estupidez em trocar o exemplo dos pais, repleto de doçura e alegria de viver, mesmo sem tantos recursos, pelo paradigma do sucesso material. Arrependeu-se da terrível escolha.

FH adentrou no empório para a sessão marcada. Na sala branca, retirou o paletó, os sapatos, a gravata e a carapaça de executivo insensível. Dessa vez, sem qualquer revolta sobre o preço e o nada, ele refletiu que o nada era tudo, tudo que precisava: um refúgio para pensar. Fixou o olhar na parede imaculadamente branca e viu a imagem se revelar refletindo seus pensamentos, ou sentimentos. Eram os seus pais retratados com um menino entre eles e nele logo se reconheceu. Um presépio de amor pintado na parede da verdade, das emoções. Acomodou-se na poltrona e se despediu da imagem, que se desvaneceu. Lembrou-se da mulher e do divórcio ainda em andamento, do filho que quase não via, e sentiu uma pontada no peito. No ar faltante da culpa, destilou o amor escondido, percebeu que nunca dera chance ao que sentia pela mulher e pelo filho. Sentia sem sentir que sentia. Pensou nessa frase estranha e fez careta. Mas a eles nunca demonstrara afeto, nem a si próprio. Acendeu-se uma centelha em seus olhos e pensou em procurar a mulher, desistir do divórcio e lhe confessar o engano num abraço. Um abraço de família, o menino entre eles. Quem sabe tirassem um retrato, como presépio. Propôs o divórcio para dedicar todo o seu tempo ao trabalho no afã do sucesso, muito sucesso. Agora indagava de si para si porque fizera isso? Dinheiro, posição, cargo importante e as maravilhas materiais? Nada ou quase nada lhe valeram tais coisas. Procuraria a mulher e lhe pediria nova chance. Olhou a

parede branca do presépio do passado e viu aparecer o do futuro. Definitivamente, não voltaria ao trabalho naquela tarde. No dia seguinte, proporia o retorno ao cargo anterior. Passaria a ter um horário de trabalho e gozaria férias, como qualquer trabalhador. Não se importaria com a remuneração inferior, mas, poderia ver o filho com frequência e beberia cerveja com os cunhados no final de semana. Assistiria ao futebol. Teria uma vida mais feliz e divertida.

Vieram avisar que a sessão terminara. Pegou o telefone na portaria e ligou para a mulher. Sorriu ao lhe dizer que sentia saudade e mais ainda quando ela lhe disse o mesmo. Avisou para a recepcionista que não voltaria mais. Ela lhe perguntou se achara, no empório, o sentimento perdido. Ele sorriu sem responder, mas a lágrima emocionada o fez por ele. Saiu porta afora e se viu na rua popular, agora para ele bonitas e alegres. No meio das gentes que lhe eram desiguais e tão iguais, sentiu-se parte delas. Os sapatos de cromo alemão pisando os cuspes dos transeuntes. Passou pelos pontos dos ônibus não chegados. Pegou um táxi. Deu o endereço de sua verdadeira casa, onde estavam sua mulher e o seu filho, a casa da sua família. Abriu a carteira para pagar a corrida e pensou em colocar nela um retrato do pai com a mãe e outro dele com a mulher e o filho. E lá se foi de coração aberto, sorriso solto e a sensação de ser humano.

Gosto de Limão

Giselle Bondim Lopes Ribeiro*

Mônica ajeita o cabelo e dá um sorriso. Com o batom escreve no espelho em letras garrafais: UMANO. Ao lado desenha um sol sorridente. Não está sendo fácil, mas está vencendo. É outra pessoa. Faz um ano que, bêbada, tinha enchido a filha de porrada. Lembra do olhar de pavor da bichinha correndo para as pernas da avó sempre que ela chegava em casa. Quando bebe vira um monstro, essa é a verdade. Agora está tudo bem, a pequena voltou a confiar nela, até busca seu colo. Foi salva pelo olhar de medo da filha.

Calça o tênis bacana, afaga a menina que dorme aninhada à avó e vai até ponto de ônibus. Ainda não amanheceu. Na fila, todo mundo de casaco, mas olha o céu azulando e pensa que vai fazer sol. O ônibus chega já sem lugares vagos, não se importa, não hoje. Enfrenta o trânsito ruim até o supermercado de bom humor. É um trabalho de merda, com um salário de merda, mas é um trabalho, pensa. Repositora. Passa o dia arrumando as prateleiras do mercado, num abaixa-levanta infinito, quando chega o fim do expediente está moída. Estudou pouco, engravidou cedo e agora é difícil mudar o rumo da vida. Fará de tudo pra que a filha tenha a chance de estudar, de conseguir uma profissão

* Desembargadora do Trabalho da 1ª Região.

melhor. Ela quer ser médica, seus bonequinhos vivem cobertos de tinta vermelha e esparadrapos. Um sorriso brota no seu rosto.

Desce do ônibus. Já amanheceu, as ruas estão vazias, apenas um ou outro corredor a caminho da praia. Daqui a pouco, quando o supermercado abrir, o bairro vai estar fervilhando de gente. É sempre assim aos sábados. Veste o uniforme e vai até o depósito. Ainda dá tempo de sentar um pouquinho antes de começar o corre-corre. Beberica um café com um sorriso nos lábios.

Logo aparece o Amorim empurrando um carrinho com as mercadorias vencidas que havia retirado das geladeiras. Ele olha embalagem por embalagem, data por data, qualquer falha o fiscal multa e fecha o mercado, sem falar nos clientes granfinos que fazem escândalo por qualquer coisa. Amorim é o funcionário mais antigo. Gosta de dizer que começou moleque entregando compras. É coordenador de perecíveis. Acima dele só o gerente. Amorim é um modelo de funcionário, o primeiro a chegar, o último a sair, sabe de tudo, resolve tudo e é sempre gentil, uma fineza. Muito diferente do gerente que até é bonito para um branquelo, mas estúpido como ele só, gosta de ser chamado de doutor e grita com todo mundo. Não tem quem não goste do Amorim, ele é que deveria ser o gerente, segredavam.

"E, aí Mônica? Posso saber o motivo da alegria?" Ela conta com orgulho do aniversário de um ano. Já tinha sido um trapo de pessoa por causa do álcool, arrancou sangue da filha, quase a matou e parar de beber tinha mudado suas vidas. Amorim a ouve emocionado. Apanhou muito do pai bêbado.

Amorim pega da pilha das mercadorias que serão descartadas uma torta de limão. Serve dois pedaços. Ele explica que venceu no dia anterior, mas ainda está boa para comer. "Vamos comemorar". Mônica nem gosta de torta de limão, mas não ia fazer uma desfeita dessa com o Amorim. Aceita a torta com um sorriso, brindam com o café e comem em silêncio, o doce se decompondo lentamente na boca, primeiro o açúcar,

depois a gordura, e por fim, fica o gosto de limão. Bebe um gole grande de café pra rebater.

O dia passa rápido, movimentado. No fim do expediente, é chamada ao escritório, Amorim está lá, o semblante fechado. O vídeo mostra ela e Amorim comendo a torta, o brinde com o café, ela está bonita no filme, um sorriso largo... O gerente grita sem parar, a boca enorme aspergindo saliva como um chafariz enlouquecido.

Tentam explicar, mas ele não acredita. As câmeras não capturaram as letras miúdas do vencimento. O dedo apontando a porta da rua. Inclemente. No vestiário, Mônica tira o uniforme pela última vez. Seca as lágrimas que teimam em escorrer. Calça o tênis bacana que já não sabe como vai pagar. No caminho para casa compra uma garrafa de cachaça, só uma, só mais essa vez.

Negócio com Deus

Roberto José Ferreira de Almada*

O sujeito é muito jovem, quase ainda imberbe, mas já dá início à sua carreira de promotor de justiça, assumindo suas funções numa pequena cidade do interior do Maranhão. O lugar é muito pobre, pobre mesmo, quente o ano todo e árido que só vendo. O povo sofrido daquele fim de mundo cria barriga ou por motivo de reprodução ou por obra das verminoses, principalmente a meninada, que sempre se apega mais a essas coisas de lombrigas e afins. Comida ali é sempre muito pouca, pouca mesmo. A criação que se perde a vagar por terrenos arenosos sob um sol inclemente avesso à convivência com nuvens é magra de dar dó, mal se sustenta nas pernas e deixa sair das tetas uma coisinha à toa de leite, seja gado vacum, seja caprino, tanto faz. Da terra a raiz que se tira mal dá para fazer farinha rala, sustança pouca que, bem ou mal, acalma a inevitável fome daquele povo.

O promotor de justiça recém-chegado ao lugar se assusta com o que vê. Muito pior que a criminalidade bestial de todo lugar, inexorável marca da vocação humana, é perceber a morte em vida, o calvário daquela gente pobre e desnutrida, que se desmancha e se derrete esquelética, à luz do sol inclemente.

* Juiz do Trabalho da 17ª Região.

Criado na casa grande, no conforto da fartura e longe da senzala, o moço, agora feito autoridade pública, nomeado na forma da lei, depois de ser aprovado em concurso público bastante concorrido, se assusta com o que vê. Ou com o que não vê. Pois não é que lhe sonegam um quarto decente em hotel para pousar? O que lhe oferecem é um claustro escuro, à moda medieval, provido de catre e ventilador que se esmeram em fazer barulho, desprovido de janela e guarnecido com um constrangedor colchão de palha. O banheiro coletivo fica no fundo do corredor, fedorento a mais não poder, com descarga daquelas que se aciona puxando uma correntinha pendurada numa caixa presa no alto da parede, dessas que a qualquer momento pode quebrar, por excesso de uso ou falta de manutenção, deixando de presente para o próximo usuário, até que se providencie sem pressa o conserto, a visão do resto da atividade intestinal alheia.

A promotoria, cruz-credo!, disputa ombro a ombro com o hotel do moço o pódio do desconforto, com boas chances de vitória até, embora disponha de janela. Uma mesa com cadeira para sentar, uma máquina de escrever mecânica, um telefone com disco à moda antiga, um ventilador giratório de pé fixo, resmas de papéis na estante, uma meia-dúzia de códigos de lei, vários deles revogados há décadas, é o que existe lá. Na antessala, mal instalada, uma solícita secretária cedida pela prefeitura exhibe um sorriso tímido desfalcado de alguns dentes laterais. E só.

Na mesma estante dos códigos dormitam dezenas e dezenas de autos processuais empilhados, feitos de papéis amarelados pelo curso de um tempo ancestral, que ninguém toca, ninguém se incomoda em mexer, relegados que estão à eternidade. Nada mudaria aquele estado de pasmaceira da promotoria não fosse o fato do juiz da comarca, também recentemente empossado e abandonado naquele fim de mundo, ter decidido colocar em pauta de julgamento os inúmeros processos do tribunal do júri que foram represados por muitos anos na comarca.

O moço, diante daqueles arroubos do magistrado que se dá ao descalabro de trabalhar com tamanho afinco, se vê na promotoria às voltas com dezenas de casos para estudar, crimes contra a vida de todo tipo que se possa imaginar, dos mais escabrosos aos mais triviais. Não há de demorar o início das sessões de júri, semana após semana, mês após mês. Serviço a dar com pau.

Pela manhã, à falta do que fazer, já se desloca o moço à promotoria tão logo termina o modesto desjejum, para a leitura de autos processuais, interrompendo os estudos na hora do almoço, degustado no próprio hotel, sem extravagâncias, com imediato retorno às tarefas, que cessam apenas ao cair da noite. Isso de segunda a quinta-feira, pois na manhã de sexta-feira, dando precipitado início ao fim de semana, o sujeito, que também é filho de Deus, dirige seu carro até a capital, nem tão distante assim daquele grotão, coisa de uns duzentos quilômetros, para gozar das delícias da casa dos pais, de lá retornando depois do almoço de domingo.

Chega, enfim, a hora do rapaz mostrar o seu talento na tribuna. Pois não é que o primeiro júri quase lhe escapa das mãos? O caso é escabroso: a mulher tenta matar o marido pondo-lhe "chumbinho" na comida. Terminada a faina na roça, ao fim do dia, o marido chega em casa acompanhado de dois amigos, convidados a jantar consigo, algo com que a esposa não contava. Mas agora é tarde, pensa ela, e serve a janta envenenada. Enquanto os três amigos degustam generosas doses de aperitivo, o marido se atrasa um pouco à mesa, se dando a lidar com a criação nos fundos da casa. Pobres amigos! Precipitam-se a comer, antes da chegada do marido, e não tardam a revirar as tripas em pleno surto da morte, um deles, ao desfalecer, deixando cair o prato ao chão, próximo às galinhas que ciscam por ali. Eis que o marido chega, enfim, à mesa, dando-se com aquela cena escabrosa, dos dois homens a se contorcer no chão da cozinha e de quase uma dúzia de galinhas mortas ao lado deles, por terem consumido o veneno daquele prato que caiu.

Pronto. O marido não tem dúvida, a desgraçada da esposa quis matá-lo. Corre ao delegado, que prende a mulher em flagrante delito. Nada pôde ser feito para salvar os dois amigos da morte, disse o marido a todos na cidade, que por pura sorte se livrou da trama funesta da esposa.

Testemunha melhor o ministério público não poderia ter: o marido, a quem a ré pretendia matar, de forma torpe e sem meios de defesa. Ele prestaria depoimento consagrando a tese da acusação. Homicídio premeditado e qualificado, com várias agravantes.

Feito o pregão da testemunha-chave em plena sessão do júri, o promotor, orgulhoso dentro da sua beca, assoma à tribuna com ar de grave autoridade, prestes a despejar sobre a ré as mais severas admoestações. Eis que entra cabisbaixo o marido que, interrompendo o seu trajeto até o assento de testemunha que lhe é reservado, se dirige à esposa e pespega-lhe na boca uma carinhosa beijoca.

O assombro é geral. Reconciliou-se o casal!, todos dizem em uníssono no salão do júri. Suma crueldade do destino. A mulher, ressentida com o marido, busca matá-lo e, por engano, mata dois inocentes, contra os quais nada de mal pretendia fazer, deixando ileso o marido, a salvo da sua fatal vingança. E para coroar essa farsa da sorte, a mulher perdoa sabe-se lá qual falta do marido e o recebe em seus lábios, o mesmo se dando a fazer ele, já olvidado das mortes dos dois inocentes.

Por isso exatamente, talvez, pelo descalabro da coisa, de se levar à morte gente inocente, o júri escapou das artimanhas do destino. Por mais contaminada que pudesse estar a prova testemunhal, vinda de quem não é capaz de desgostar de uma potencial assassina de si próprio, o júri condena a mulher, indignando-se com a desfaçatez daqueles protagonistas da morte alheia, incapazes de poupar sequer as galinhas da casa.

Brilha o jovem promotor! Mal refeito das emoções do dia anterior, ainda embriagado de orgulho e admiração por si

próprio, por sua verve, sua retórica de tribuno, ele ainda desfaz o conteúdo da sua maleta na mesa da promotoria, em que acaba de se sentar, quando ingressa apressada na sala uma senhora distinta, acompanhada do marido. Ela tinha uma queixa a fazer ao sr. promotor de justiça. O marido, num assomo de fé, doente que estava a filhinha deles, fez a promessa à Virgem de doar para a paróquia o seu burrico, caso a menina se recuperasse da crise de asma que lhe tirava o fôlego. Pois o fato é que a menina está boa há meses, e nada da promessa ser cumprida. É que sou muito apegado ao bichinho, doutor, apressa-se o marido a se explicar. Calma!, disse o promotor. Esse assunto é do padre, não é meu. Façam o favor de apresentar o caso, ou a queixa, a quem de direito, à autoridade eclesiástica competente para a matéria. Cabisbaixos, marido e mulher deixam a promotoria e se dirigem à presença do vigário.

Passadas algumas semanas, a caminho do hotel, no fim do dia, o promotor cruza com o distinto casal e não se contém. Pergunta pelo burro. Está conosco, em casa!, diz a mulher.

- Como assim? Não estiveram com o vigário, para tratar do destino do burrico?, pergunta, curiosíssimo, o promotor.

- Estivemos sim!, responde a mulher, enquanto o marido mantém na fuça aquele ar blasé que parece ser a sua marca registrada, incapaz de tomar a iniciativa da palavra, tendo ao seu lado pessoa de qualidade tão impetuosa quanto a sua patroa.

- O padre foi muito compreensivo! - prossegue a mulher - percebeu a dificuldade dele de se livrar do burrico e disse que a Deus não agradam sacrifícios carnis ou afetivos, que a caridade é melhor que a penitência e sugeriu que trocássemos a doação do burro pela entrega de cestas básicas aos pobres.

Dito isso, despedem-se o marido e a mulher, retomando o caminho deles, sabe-se lá para onde. O jovem promotor fica parado na calçada mirando o vazio da noite que cai sobre a cidade, ensimesmado. Pois não é que o padre daria um belíssimo

causídico? – pensa o jovem – foi muito boa a solução encontrada para o caso do burrico, não houve perdas colaterais e todos ganharam, no fim das contas!

Foi então que se lembrou de súbito da promessa que havia feito ao se inscrever no concurso público para ingresso no ministério público, que estava a lhe tirar do sério, logo ele, tão apegado aos prazeres da boca – a promessa de não comer doces por dois anos. O jovem não pensa duas vezes e vai à igreja, em busca de solução para o seu caso. Sabendo de antemão que o padre é partidário das práticas da caridade, e já se penitenciando por se valer de informação privilegiada, mais um pecado venial a pesar em sua alma, o jovem não duvida do sucesso da sua empreitada, de comprar uma indulgência básica da igreja, para subornar a sua consciência.

Dito e feito. Em troca de dez cestas básicas a serem entregues à paróquia para distribuição entre os fiéis menos afortunados, lá se deixa ir o promotor sem culpa a expiar, leve de pecados, agora que ultimou a negociação com o representante de Deus. Ainda naquela noite haveria de experimentar toda a sorte de quitutes na padaria da cidade, quindins, pudins, tortas, bolos de chocolate, enfim, guloseimas de todo tipo, porque, afinal, estando pura e intacta a alma, não há mal algum nos excessos da carne...

Voto de silêncio

Ione Salin Gonçalves*

Fez um voto de silêncio. Decidiu quealaria apenas o essencial com poucas pessoas. No início foi difícil, mas não tanto quanto imaginava. Nunca foi dada a tagarelices. Gostava mais de ouvir do que de falar. As pessoas passaram a evitá-la, quando não se tornavam agressivas. Isto acabou fazendo com que se calasse por completo. Com o tempo, adquiriu uma capacidade incomum de distinguir sons. Pelo ruído das asas batendo identificava pássaros e insetos a uma boa distância. Reconhecia raças caninas apenas pelo latido, pelo barulho das patas no chão, pelo abanar do rabo. Os ruídos da cidade, o fluir dos automóveis, os passos nas ruas, o ronco dos motores, podia distingui-los com precisão quase científica. Depois, passou a escutar sons inaudíveis a outras pessoas. Coisas que ninguém ouvia. Traça roendo tecido. Cupim comendo madeira. Minhocas revolvendo a terra. A seiva irrigando os galhos das plantas, fluindo serena e contínua. O sangue correndo nas veias e artérias como um rio obstinado que nunca chega ao mar. O som ácido dos líquidos estomacais triturando os alimentos. O ar entrando nos pulmões, ora como brisa, ora como vendaval. O som selvagem do coração pulsando. Não se cansava desta sinfonia do mundo, onde entravam cada vez mais instrumentos. Até que começou

* Desembargadora do Trabalho aposentada da 4ª Região.

a ouvir o som dos pensamentos. Os pensamentos das crianças têm sons agudos, às vezes suaves, às vezes estridentes, mas sempre barrocos, com ponto e contraponto. Os pensamentos dos adultos têm nuances sonoras complexas, por vezes assustadoras. Sons médios e graves, dissonantes, metálicos e reverberantes. Velhos têm pensamentos dodecafônicos, atonais, geralmente ressonantes. Resolveu se isolar de tudo e de todos quando começou a ouvir o som da morte. É difícil definir o som da morte se aproximando. Começa com um som abafado, rouco, que vai crescendo, se espalhando feito vento no taquaral. E para abruptamente, com um som seco de corda rebentando. Insuportável é o som dos corpos em decomposição, devorados pelos vermes, som de correntes se esfregando freneticamente. Se refugiou em um lugar isolado, em que os sons eram poucos e cotidianos, sem pensamentos alheios para escutar, só os seus próprios e poucos pensares. Um dia sentiu vontade de ouvir a própria voz. Não se lembrava mais dela, há tanto tempo não se escutava. Mas não sabia bem o que dizer para si mesma, então resolveu simplesmente abrir a boca e deixar a voz sair. No início não escutou nada, será que emudecera? Até que começou a ouvir um som abafado, rouco, que foi crescendo, se espalhando como vento no taquaral, sabia que não adiantava calar, ficou esperando a corda arrebentar, um som seco, depois o silêncio vazio.



Crônicas



O siri

Fábio André de Farias*

Parecia ser mais uma daquelas viagens que fazemos nos ônibus do Recife. Após um dia de trabalho eu retornava para casa na intenção de simplesmente descansar. Tudo o que desejava era tirar o sapato, que incomodava por já estar gasto e eu não saber mais qual a diferença entre estar calçado ou simplesmente com os pés no chão. O desejo de despir-me vinha igualmente com a mesma intensidade. O dia havia sido por demais cansativo e a roupa colava no corpo, a cueca molhada de suor e a camisa incomodava pela umidade e pelo cheiro que exalava de mim. Sabia que teria que contentar-me em ficar apenas com isso porque no meu bairro era o dia do racionamento de água e, portanto, eu não tinha nenhuma esperança de tomar banho.

Para piorar, aquele poderia ter sido considerado o dia mais quente, do verão mais quente e na cidade mais quente que eu já havia vivido. O motor do ônibus fazia questão de esquentar mais aquilo que já era insuportável. Estávamos apinhados, mais de cinquenta pessoas, no que nossos governantes chamam de transporte público quando, de repente, o motorista simplesmente desliga o ônibus em plena cabeceira da ponte Duarte Coelho. Ficamos a imaginar que seria mais um daqueles

* Desembargador do TRT da 6ª Região.

Texto vencedor, na categoria Crônica, do 3º Concurso Literário da Anamatra.

insuportáveis momentos no qual nos arrependemos de termos entrado naquele veículo. Não sabíamos se ele havia quebrado ou se simplesmente, o motorista cansado de mantê-lo ligado, tinha desistido de cozinhar em forno brando.

Logo soubemos que aqueles dez minutos parados, que demoraram uma eternidade, era apenas o resultado de mais um engarrafamento na cidade. Para nosso alívio atravessamos a ponte e o frescor da brisa do rio invadiu nosso cambaleante meio de transporte. Obviamente que com o frescor, veio o fedor do rio, apenas para lembrar que pobre se lasca até quando leva sorte. Mas, não só de agruras vivemos nós que cruzamos nossas cidades nesses meios de transporte que, de tão desconfortáveis, são carinhosamente apelidados de latas de sardinha.

Passada a ponte sabíamos que com o fedor, de nossos corpos e da cidade, voltariam o calor e o engarrafamento. Mas, o ônibus é um espaço de surpresas. Logo na primeira parada da Conde da Boa Vista subiu uma jovem família. A mãe, com seu filho no braço, que aparentava ter de 4 a 5 anos, seu jovem marido, ou simplesmente pai da criança, e uma quarta pessoa que não pudemos identificar que relação tinha com a família. Vinham da praia, em plena quinta-feira, às 18 horas... isso é que é vida. Nas mãos, a criança trazia um pequeno copo descartável. Seria mais uma cena urbana que não causaria maiores atenções se não tivéssemos escutado o choro desconsolado da criança, seguido de um grito:

— Meu siri! Meu siri caiu! Ele vai morrer!!!

— Acha o siri do menino, hômi!! – Ordenou a mãe.

Diante de tamanha autoridade emanada por uma mãe preocupada com seu filho, prontamente os dois homens lançaram-se a procurar o animal por debaixo das cadeiras. Após alguns instantes, acharam o pequeno bicho, animal não maior do que uma barata. Logo entendi que naquele copo residia o precioso bicho de estimação do menino, talvez caçado com o desejo de exibir aos seus amigos o pequeno troféu que conquistara após um longo dia na praia. E assim pudemos nos distrair por raros cinco minutos em mais um retorno para casa. Obrigado, siri.

O velho conhecido

Roberto José Ferreira de Almada*

Encontrei um velho conhecido outro dia, quando fazia feira em um mercado vizinho de casa. Estudamos juntos na universidade e não nos víamos desde então. Quantos anos se passaram? Uns trinta anos, foi o que dissemos um ao outro, estupefatos. Estou ficando velho! Trinta anos entre dois eventos existenciais é tempo para lá de constrangedor. Poxa vida!, foi o que eu disse a ele, ao abraçá-lo, comovido. Quis saber como e por onde ele andava, o que fazia e como estava a família, se é que ele tinha uma para si. Perguntas naturais em semelhante circunstância, que eu fiz a ele, tendo à mão alguns limões e uma sacola de plástico para guardá-los.

O velho conhecido não pestanejou e logo começou a desfiar longo rosário de lamentações. Relatou as particularidades do seu infarto com riqueza de detalhes e se queixou da dificuldade de lidar com as limitações da doença, que agora produzia severas complicações clínicas de outras ordens, com ênfase para a diabetes. Eu me fechei em copas. Tenho horror aos relatos de doenças, particularmente as graves, dessas que podem matar as pessoas. Fiquei em silêncio a escutar o sujeito, vez por outra deixando escapar umas breves interjeições desprovidas

* Juiz do Trabalho da 17ª Região

de significado, com o intuito de demonstrar interesse na enfadonha narrativa do meu velho conhecido. Ao mesmo tempo, não me descuidava das bancas da feira, recolhendo de forma mecânica e apressada as bananas, laranjas e uvas que me foram encomendadas pelo pessoal de casa.

No afã de concluir com a máxima brevidade a minha feira, àquela altura eu já nem mais escolhia as frutas nas bancas, apenas me esforçava ao máximo para terminar a tarefa o quanto antes, de modo a obter o salvo conduto que me permitisse sair célere daquele mercado, pondo-me longe da ladainha do meu velho conhecido. Ao ensacar as últimas frutas e adquirir o sagrado direito de me despedir do sujeito, já me preparando para brindá-lo com o meu discurso de despedida, ensaiado várias vezes durante a sua cantilena, eis que ele se supera ao me dizer, sem rodeios, que Deus havia proporcionado a coincidência daquele encontro. Precisava de um favor meu...

Gelei dos pés à cabeça. Não sou médico, tenho pavor de médicos, os evito a todo custo, que favor aquele sujeito haveria de me pedir? Que eu o ajudasse com o seu processo de aposentadoria. Aposentadoria por invalidez?, perguntei. Não, ele respondeu. Por tempo de contribuição. Não sou agente previdenciário, eu próprio estou a contar nos dedos os anos que me faltam para aposentar, que tenho a ver com a aposentadoria do sujeito?, indaguei-me em silêncio, já prestes a ter um faniquito nervoso.

É que tenho uma ação na justiça – disse ele – pedindo averbação de tempo de serviço não registrado em carteira, e queria que você me desse uma forcinha... Ai Jesus! Lasquei-me. Pobre de mim, membro da magistratura, terei agora que saber do processo do sujeito, onde corre, quão rápido corre, ou não corre, por inércia do cartório competente. Fiz as perguntas de praxe ao velho conhecido e dele ouvi, para meu alívio, que a ação tramitava em órgão da justiça diferente do meu, totalmente alheio à minha competência. Disse que não poderia ajudá-lo, infelizmente, mas

que confiasse na justiça, tudo haveria de acabar bem. A essa altura eu já desenvolvia por ele uma enorme aversão, quase raiva, lamentando profundamente tê-lo encontrado depois de trinta anos. Foi quando percebi no semblante do meu velho conhecido um certo ar de idiota, um olhar parvo e um sorriso típico dos beócios. O sujeito, sem se fazer de rogado, repetia, como se fosse um mantra, o nome do juiz da causa e o número do seu processo, a cada meia dúzia de palavras que proferia. Ele simplesmente ignorava minha afirmação de não ter acesso àquela gente do seu processo, enquanto dizia, quase sem respirar, que não tinha mais forças para trabalhar e que precisava aposentar o quanto antes. E voltava a falar, com os olhos marejados, da doença, das suas limitações físicas, da alta que a previdência estava prestes a lhe dar e do processo que não corria na justiça. No meio das bancas da feira, entre pepinos e tomates, com todo tipo de gente a circular no entorno, o sujeito parecia querer me enfeitiçar, como se fosse uma cobra, fitando-me fundo nos olhos e perguntando se alguém, além de mim, poderia ajudá-lo na justiça.

Amigo! – disse lhe – não tenho meios de ajudá-lo. E empurrei truculento o carrinho de compras para fora da feira, em direção ao caixa. Foi quando ele me pegou pelo braço e disse da doença da mulher. Câncer. Terminal. Chorava ao meu lado, apertando o meu braço com a mão.

Respirei fundo e o mirei nos olhos. Pedi ao velho conhecido uma caneta e anotei com zelo os dados do processo. Guardei o papel no bolso e disse que faria o possível para ajudá-lo. Ele sorriu, constrangido. E me abraçou. Como se fosse uma criança, ele me abraçou com ternura e me fitou com o seu olhar bovino. Eu o abracei também. E fui ao caixa pagar a minha compra.

Senzala 4.0

Maria Cristina Santos Perez*

A superexploração é uma realidade que envolve a pessoa humana desde sempre. Cada Revolução Industrial dentro de suas peculiaridades está marcada por diversos tipos de exploração do capital em face do portador da força de trabalho. “O homem é o lobo do homem”, como diria Hobbes, e eu, adaptando para uma frase mais inclusiva, diria: – A pessoa humana detentora da ideia e ou do capital ameaça o seu semelhante, ou seja, a capacidade destruidora da pessoa – não tão humana – em detrimento do outro em busca de lucro. Seja em que época for, em todos os períodos da história, há exploração maior do trabalho da mulher e das pessoas negras, pois mesmo no século XXI ainda há maior discriminação em relação a estes. Dentro da pobreza há escalas de inferiorização: mulheres, negros e negras ... e ainda as pessoas homossexuais ocupam espaço inferiorizado em relação ao homem branco. Mesmo que todos estejam dentro de uma faixa razoável de pobreza e de falta de cultura em geral. Ainda, a ampla jornada de trabalho, com quantidades exaustivas de horas trabalhadas são marcas da exploração, seja na Revolução Industrial 2.0 ou na 4.0, agora com o agravante da relação não ser mais de emprego e sim de empreendedorismo.

* Juíza do Trabalho da 4ª Região

Hoje podemos falar da senzala 4.0, na medida em que os trabalhadores das plataformas digitais estão submetidos à exploração da mesma forma que aqueles operários das fábricas do início do processo de industrialização. Apenas o regramento e a fiscalização garantem a não exploração. Outro fator de equalização da exploração diz respeito à falta de condições de saúde, de higiene e de segurança no trabalho. No entanto, ousar dizer que hoje o trabalhador ou trabalhadora está desconstruído de sua condição de pertencimento: não pertence a uma categoria e não é sindicalizado. A falsa sensação de poder e liberdade do chamado empreendedorismo retira a condição de integrante de uma categoria, traz alienação e isola o sujeito, retirando-lhe a percepção de alteridade. A condição do que é do outro, do que é distinto, de colocar-se no lugar do outro e reconhecer o grupo como um sujeito coletivo, traz a solidariedade e a percepção da exploração do trabalho, para que todos os explorados – juntos – possam reivindicar uma outra realidade. Colocar-se em uma falsa condição de patrão só gera enfraquecimento das relações coletivas e empobrecimento do agir coletivo. Há muitos lugares sem direitos, repletos de excluídos, desempregados que sequer buscam recolocação, porque desistiram. O contrapoder do excluído só advirá da força e na força do outro, na união em busca de esperança e de reconhecimento de categoria, sentindo-se incluído e pertencente.

O agir individualizado, a falta de organização coletiva e o superindividualismo foram cenários propícios para o advento da Reforma Trabalhista, lei 13.467/2017, que trouxe como aparente vantagem a necessidade de autorização para o desconto da contribuição sindical e com ela o esvaziamento ainda maior dos sindicatos, que possuíam nesta sua maior fonte de custeio. Habilmente não foi eliminada a contribuição sindical por lei ordinária, mas foi introduzida a facultatividade, que na prática gerou o seu fim. Com a bandeira da liberdade, se retira, de forma indireta, o direito de estar representado e de ter força no coletivo. É preciso acordar do isolamento, minorias e explorados só são fortes juntos, dentro de um contingente. Dividir é forma de dominar, não é mais possível permitir a repartição.



Poesias



Íris: três cenas, 1 miragem

José Eduardo de Resende Chaves Júnior*

CENA I

Aonde vai
singrar ao léu?

Aonde vai
nave à toa?

Atravessa
– nem cessa!
Oceano a canoa

Que nau navega?
– nada em mim!

* Desembargador do Trabalho aposentado da 3ª Região.
Texto vencedor, na categoria Poesia, do 3º Concurso Literário da Anamatra.

Maré sobe
e se recolhe
insuficiente de si

Ó nave – asa!
que vai de vela,
nuvem

Nas sendas
nas sombras
– soçobros!

Sem sul
nem véu
sem sol

Espera
no porto
sem chão

Com a coincidência do mar.

C E N A I I

Disposto oceano
vaga viola vaga
infinita onda
aventura à tona
das inflexões

Não há caminho
senda a machado o mar

Navegante sem caminho
Sem rastro, sal, ao azar

Ó nave – ave!

De que adianta o céu
continuar o mar?

CENA III

A nau singra
Tua frase n'água
Chove – sem sujeito
nem segredo

Ó nave – quase!
Com ciência
magia
Rastreia no mar
Sem senso
nem geografia
Deus jogou as estrelas para o ar.

Gotas de Felicidade

Carmen Lucia Lapenda Pessoa de Albuquerque*

Água de coco gelada no calor
Chocolate quente no frio
Beijos e abraços no amor
Isto não invento, nem crio.

Coisas que não nos damos conta,
São comuns, são corriqueiras.
O hábito de tê-las fáceis, consta
Na nossa vida como tranqueiras.

São sinônimos de amar, gostar
Quando estão fora do alcance
A falta se faz presente, penar.
Passamos a querer, num relance.

* Juíza do Trabalho aposentada da 6ª Região

Feliz daquele que se dá conta, e
Que sabe encontrar o valor
Da alegria que nos ronda,
Nas pequenas coisas, o amor.

Vivendo dia a dia, tudo tem poder
Para, naturalmente, virar verdade.
Coisas triviais e simples podem ser,
Caminhos para a felicidade

Metatrabalho

Roberto Basilone Leite*

O trabalho mudou. Ficou fugaz.
Desintegrou-se tudo o que era certo.
O mundo da vida, semiencoberto
por semirrealidades virtuais,
vi profissionalizar-se demais.
Sobrou pouco espaço para o amador,
para a carência básica do humano
de pisar em terra firme; de crer
que a existência segue algum vetor,
algum sentido lógico, leis, planos;
segurar nas mãos, abraçar, colher.

A mulher e o homem vão ao trabalho.
O que é real? O que é cenário?
Será que meu maior adversário
sou eu mesmo? Sou meu próprio espantalho?
Me tornei carta fora do baralho?

* Desembargador do TRT da 1ª Região

Por que danço entre os fatos, a ficção
e os sonhos, se estou de olhos abertos?
Se sou autor, ator e espectador
do mesmo experimento, por que não
conduzo os fiéis através do deserto
até o oásis de justiça e amor?

Qual o significado da palavra
verdade? Seria a identidade
entre a palavra e a minha vontade
ou – negando versos de minha lavra –,
seria a identidade que se dava
entre a palavra e o fato?
Como se comprova essa identidade?
A resposta na verdade varia
dependendo do interesse abstrato
do sujeito, de desejos, vaidades.

E a resposta, vária, afeta o mundo
do trabalho, que migra e se esvanece
em desertos de aço em que se esquece
de olhar o espírito e de ver o fundo
das coisas. Tudo dura alguns segundos.
É veraz que a Terra superaquece?
Ou superesfria? Superstição?
Eis a era do pós-ser, dos pós-dados,
da pós-verdade. Era em que arrefece
nosso sonho de civilização;
séculos de ciência abandonados

na liquefação da idealidade
do universo do trabalho e da vida;
dissolvem-se os conceitos na renhida
relativização da realidade.
Tudo é suposição, tudo é vontade.
A metaverdade é meta ou é peta?
E o metatrabalho, é virtual,
está nas nuvens, tem os pés no chão
ou tem um pé em cada barqueta?
Cada um com seu lema radical,
a impedir o consenso e a ação.

Qual o sentido do metatrabalho,
afinal, ou qual seu metassentido
num contexto de equilíbrio perdido
de uma metaera feita de atalhos,
em que se confunde a raiz e os galhos;
em que qualquer sentido é igualmente
válido e qualquer assertiva é
em si mesma, verdade? Eu opino.
O metatrabalho abstratamente
afunda num magma de idílio e fé
no qual descrições díspares, sem tino,

descrições opostas do mesmo fato
são ambas verdades... metaverdades,
portanto. Em arroubos de igualdade,
opinião é verdade, anteato.
Isto é um jacaré. Isto é um rato.
Uma mulher negra foi açoitada

há cento e trinta anos neste tronco.
Uma mulher negra não foi ferida
há cento e trinta anos, amarrada
neste tronco, ouvindo, ao fundo, o ronco
das marés, pedindo perdão à vida.

Vi que a cultura da metaverdade
instaura o metatrabalho disperso
no espaço infinito do metaverso,
onde, submersa na obscuridade,
ante espasmos de pretensa igualdade,
opinião é verdade, ciência;
desejo é direito. Funda no amor
a ordem de tortura e increpação;
Malleus Maleficarum; prepotência
não convém. O que é preciso é compor
metaverso que espalhe compaixão,

que espalhe tolerância e união.
O que valia até tempos atrás
como solução, já não vale mais.
Nada mais escapa à automação;
conhecendo bem sua opinião,
a inteligência artificial
se irradia em seu rápido incremento,
excedendo os limites do planeta;
razão e inteligência emocional
se chocam num difícil entrosamento
por vezes preso a inatingíveis metas.

Trabalhar no metaverso é, enfim,
metatrabalhar no espaço infinito
do metamundo em que a crença "cogito
ergo sum" cai numa espiral sem fim,
onde o mar é bordô, e o céu, carmim;
é ter por meta um bom metassalário
meio infinito, metade em bitcoin
e a outra metade em metapromessas;
é enveredar-se entre dois calendários,
realidades que se sobrepõem,
coexistem; cenários de uma peça.

Talvez seja oportuno e eficaz,
na construção do mundo virtual
da inteligência artificial,
algumas vezes dar um passo atrás,
contar até dez, talvez até mais,
e ouvir a tênue voz do coração,
do sentimento, onde a sabedoria
mostra o caminho do aprimoramento
que eleva o grau de civilização
das relações, em novas parcerias.

Pois para isso volta-se, afinal,
todo esse valioso investimento.
Que se mescle a ação de treinamento
com a própria atividade laboral
em prol de um upgrade cultural,
na faina de um estudo redentor;

que se amalgamem, pois, no mesmo ser
transcendental – deus das mudanças, Jano –,
pupilo e mestre, aluno e professor,
côncios de que o genuíno saber
está no âmago do ser humano.

O trabalho produz a mais-valia
e torna o mundo cada vez mais lauto;
extrai minérios do chão do planalto
e cria novos padrões de alegria;
converte em obra qualquer fantasia;
transforma o chão, o homem, o sistema...

Se a gente pensar bem, em tudo há
trabalho; na pausa ou no movimento;
no bater a clara, cozer a gema,
no picar o alho, ferver o chá;
no ler um livro, pensar argumentos;

na vigia aos vizinhos na vigília,
um labor de vigilância está lá;
no cantar a canção, no recitar;
no cruzar o canal até a ilha
a nado, enfrentando as armadilhas,
depois de mergulhar do precipício;
no conselho, na crítica... Até
no ebó ao exu no cruzamento;
na confiança fácil ou difícil,
no prostar-se quando só resta a fé.
O mundo é virtual por fundamento.

Com o trabalho o sonho se completa,
a alma é leve, a mente sadia,
se tiver na verdade sua guia
e na diversidade sua meta.
E meta verso e prosa ambivalentes
no metaverso da libertação,
no virtual balcão do entendimento
onde rolei os dados do presente
com fé num futuro de remissão
no qual o sonho mágico e loquaz
lance na terra o grão do sacramento
e, enfim, implante a pátria universal,
a cidadania pós-nacional,
para, na era do conagraçamento,
pavimentar o caminho da paz.

O traje

Rosana Maria de Barros Caldas*

Uma gaveta, social!
Máscara, salto alto.
Tiro a máscara... solidão.
Despida, pés descalços.

Abro outra, típico!
Crenças, valores...
Vela e terço.
Meus espinhos, minhas flores.

Mais outra, vestido de noiva!
Bordado de esperança,
Cauda de tule de amor...
Tule que caiu da mudança.

* Juíza do Trabalho da 23ª Região

Ainda outra, a toga!
Carrega o peso do mundo
Leva direitos, deveres...
Num corpo frágil e profundo.

A última, mulher-maravilha!
Espada, escudo, magia...
A mão com o poder de acalmar
Qualquer onda que enfrentar.

Não encontrei o traje apropriado
Vou lavar a alma com melodia...
Tomar o cálice da inspiração,
Me vestir de poesia!

Selfie

Antonio Umberto de Souza Júnior*

I

Avistou
a ave
do alto
a iminente refeição

Voou ávida
diagonalmente
até o porto de areia e sargaço
ao lado
daquele cofre
a guardar a iguaria
observa paciente
na torcida de que
do casco
saia

* Juiz do Trabalho da 10ª Região

assustada
a presa

Especula
a caixa imóvel
em hexágonos
agonia

II

Presentiu
do silencioso som
das asas
prestes
a ameaça iminente
observa pávida

Sente o mar
inundar-lhe a casa
hexagonal
exaspera-se
exaurida
a salvação da maré
o fim adiado

Observa pávida
o fim perto no porto
de areia e sargaço
agonia

III

Prostra-se
o olhar
a aguardar o espetáculo marinho
sem fotos
nem selfie

Contempla complacente
o duelo mudo
entre bico e casco
iguaria ou fuga
pelo susto da maré
súbita
entre a iminência do fim e a
longevidade
agonia

IV

Imóvel
assiste
o trio
teatral
agonia
na ilusão
da imortalidade
efêmera
num encontro certo

sem data agendada
suspira o homem
nada a caixa até o
alívio
mergulho
regressa a ave
ao cume
almoço
adiado

Silêncio:

Maria Cristina Santos Perez*

– de quem se cala!
Não quero trocar a noite pelo dia
Embora a escrita me peça Silêncio
Os sons dos detalhes
– que apenas surge no vazio da quietude
Dias atordoada
Enjoada da frequência
Repleta de som
Perdida em ruídos e frases mal ditas
(Aqueles com tantos significados)
Abstenho-me de falar
Privo-me da pergunta
Eu conheço a resposta
Por isso fujo do silêncio
Não posso manter comigo
A inação que consolida o erro de conduta

* Juíza do Trabalho da 4ª Região

Temores

Ataíde Assis Ataíde*

Temo o mar
Talvez por sua grandiosidade, imponência
Ou porque goste de coisas pequenas, miúdas
Temo a surpresa
Certamente pela exposição descontrolada
Governada pelo acaso, um abismo profundo
Temo a dor
Não pela sua capacidade sensorial nefasta
Mas por me tornar um ser mais rude, por vezes irracional
Temo as nuvens
Não pela sua ilusória fragilidade cinzenta e hídrica
E sim pelos rostos hostis que nelas teimo em ver
Temo a liberdade
Não aquela que dita meus pensamentos
Mas aquela que avilta a ação humana
Temo os homens que não têm temores
Temo a Deus, ou deveria...

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região

Verde

Vanilson Rodrigues Fernandes*

Verde

Ver-te

Cinza

Olhos nublados na cidade-sucata

Norte morte

Oeste peste

Leste agreste

Sul cata

Verde

Vermelho

Lusco-fusco

Fogo

* Juiz do Trabalho da 8ª Região

Pássaros carcomidos pela ferrugem
Rios de óleo diesel em esgotos a céu aberto

Verde

Vende-se

Morrer-se

Enterrar-se

Respira-se fuligem até o coração virar pedra

Vieste do pó e ao pó voltarás

Cinza

Ver-te

Verde

Cinza

Mundo ranzinza

cinzas



SHS Od. 06 Bl. E Conj. A - Salas 602 a 609
Ed. Business Center Park Brasil 21 - CEP 70316-000
Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-0266